

BOLETÍN DE LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA

La INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA es completamente ajena á todo espíritu é interés de comunión religiosa, escuela filosófica ó partido político; proclamando tan solo el principio de la libertad é inviolabilidad de la ciencia, y de la consiguiente independencia de su indagación y exposición respecto de cualquiera otra autoridad que la de la propia conciencia del Profesor, único responsable de sus doctrinas. — (Art. 15 de los *Estatutos*.)

Hotel de la *Institución*.—Paseo del Obelisco, 8.

El BOLETÍN, órgano oficial de la *Institución*, publicación científica, literaria, pedagógica y de cultura general, es la más barata de las españolas, y aspira á ser la más variada.— Suscripción anual: para el público, 10 pesetas; para los accionistas y maestros, 5.— Extranjero y América, 20.— Número suelto, 1.— Se publica una vez al mes.

Pago, en libranzas de fácil cobro. Si la *Institución* gira á los suscritores, recarga una peseta al importe de la suscripción. — Véase siempre la *Correspondencia*.

AÑO XXIII.

MADRID 31 DE JULIO DE 1899.

NÚM. 472.

SUMARIO

PEDAGOGÍA

Notas d'um pae (continuación), por el *Dr. B. Machado*.—Revista de revistas, por *D. J. Ontañón*, *D. A. Sela*, *D. G. J. de la Espada* y *D. A. Buylia*.

ENCICLOPEDIA

Breve historia de la ciencia de la mitología, por *don Alejandro Guichot*.—Los estudios sociológicos en España, por *D. A. Posada*.

INSTITUCIÓN

Libros recibidos.

PEDAGOGÍA

NOTAS D'UM PAE

por el *Prof. hon. Dr. B. Machado*,

Catedrático de Antropología en la Universidad de Coimbra (1).

(Continuación.)

Ao inventar as suas historias, á Quina, na sua concentração, suspende o olhar e, de vez em quando, entrecerra os olhos, pestanejando.

Até para pensar é preciso oportunismo. A muitos rapazes é, quando se lhes trata de explicar um assumpto, que lhes dá para a meditação e recolhimento.

Por isso nem todos sabem fazer a colheita de idéas que brotam da conversação.

Argumento irrespondível. Joãoquina, Dino e Domingos discutem á fôrça das nações.

(1) Véase el número anterior. Estas notas han sido publicadas en la revista portuguesa *O Instituto*, en los números correspondientes á los meses de Marzo á Julio del presente año.—*N. de la R.*

Os rapazes vão pelos estrangeiros. Mas Joãoquina, a patriota, não podendo equiparar-nos em vida com os povos mais fortes, tapa a bocca aos irmãos com este apothegma: «¡Afinal todos morrem!» Ao que mesmo o inglêz Dino se rende, confessando: «Até a propria Inglaterra.»

Os que depressa apprendem, são felizes, mas precisam de ter cuidado comsigo, porque, se depressa apprendem, depressa esquecem, não repetindo.

Quasi só os pobres, que precisam de trabalhar, se podem educar.

As creanças que não têm nada que fazer, rabujam.

Mas os estudantes habituam-se tanto a não fazer nada por iniciativa propria, que nem d'um simples recado dão conta. E' preciso extrahir lhes a resposta. Tudo por perguntas e respostas, como a lição.

Muitos mesmo, assim como precisam de chamar alguém para ir dar um recado, buscar uma encommenda, também precisam para que lhes faça um córte de rocha, a minima preparação, até uma simples somma ou multiplicação.

Por falta de educação artistica, é que, em geral, os filhos dos ricos, sem mais attractivos, se entregam aos prazeres sensuaes.

Dizem que os hespanhoes não gostam de ver bons principios aos filhos. Não o sei; mas terão certa razão. A desordem nas creanças é da idade; e as que são muito socegadas, é quasi sempre porque são fracas de espirito. A's mais vivas como que se torna mais difficil pôrem-se completamente em

ordem, disciplinarem-se. Desculpem-se os diabretes!

Podem as faculdades ser superiores e andar desequilibradas. E póde ser-se desequilibrado, incoherente, estouvado, pelo proprio excesso de intensidade d'acção ou de inibição das faculdades. A ruptura do equilibrio é o hysterismo.

Espirito d'ordem. Domingos, dois annos e meio, arruma tudo, jornaes, botas, etc. E vê um arranhão numa das mãos, procura logo se estará também arranhado na outra.

Mas o mesmo. Como eu estivesse entretido a ver umas pedras que as irmãs tinham trazido da quinta, Domingos, na sua pressa de m'entregar um ramo de flôres que lá panhara, pegou-me da mão e metteu-me nella o ramo, explicando-se: «¡bonitas flôres!» E, tendo falado o artista, logo com igual incontinencia falou o sabio: «Para o papá classificar.» E mais é um prodigio de equilibrio, um pequenino Goethe.

A ordem é scientifica, artistica, industrial, mas é sobretudo ordem moral.

A moral, como sciencia, arte e industria, fala á intelligencia, ao coração e aos sentidos, e de todos os tres modos combate o mal; mas ó seu peor inimigo é o erro, porque das paixões egoistas as intellectuaes são as mais fortes.

Dar o goso do dever é a suprema aspiração do educador.

Ha creanças que apprendem perfeitamente quantas sciencias ha, mas não percebem uma palavra das suas obrigações. Porquê? porque a vida parasitaria que levam, lhes não offerece nenhuma noção d'ellas, antes é de todo o ponto dissolvente da educação moral.

A differença que ha entre muitos rapazes applicados ou preguiçosos, é apenas que uns gosam e os outros não com o estudo. Mas, em summa, no estudo, como em todo trabalho util, embora egoista, já ha um principio de virtude.

A verdade, o bello e o util já são altruistas: não nos prestam só a nós. Todo trabalho encerra em si um principio de virtude.

Por isso as nações sem sciencia, sem arte e sem industria estão ainda muito longe da moralidade.

Sciencia, arte e industria são como a riqueza, facilitam a virtude; e, sem a virtude, definham, desbaratam-se como a mesma riqueza.

O estudo, que, para as naturezas mais languidas, póde parecer uma tortura, é, para as mais felizes, um facil recreio, não é tanto um prazer ou uma pena como um dever. E cumpre dar-lhe sempre este cunho social. Diz-se que é preciso torná-lo interessante, que a sua mais poderosa mola interior é o interesse... Sim! mas não o interesse pessoal; o interesse humano!

O espirito, no isolamento, fenece. Nem nos é licito recolhermo nos dentro em nós mesmos senão o tempo imprescindivel para dispôrmos e concentrarmos as nossas forças ao serviço da collectividade!

Quantas vezes não temos de sacrificar a nossa instrucção e desenvolvimento! Imitemos, todos, esses valentes trabalhadores, homens e mulheres, que labutam de manhã té a noite na fragua do seu mister, sem quasi um instante de lazer para o seu espirito, para que o possam ter á larga os filhos que trazem nas aulas! Adoravel gente!

As pessoas que mais incommodam os outros, são as que mais se doem de tudo.

Por viverem uma vida egoista, voluptuosa, de regalos, quasi sem cuidados, sem a disciplina d'um forte trato social, que lhes forme a paciencia e a tolerancia, os membros das classes ricas tornam-se d'uma tal susceptibilidade, que tudo lhes doe e os afflige e desorienta, a ponto de reclamarem anciosamente as penas mais infamantes contra quem quer que, ao de leve que seja, ouse roçar pela sua *majestade*.

Aos tempos de guerra succederam os de fraternidade. As luctas pessoaes, pela força ou pela intriga, com todos os seus crueis encarniçamentos, já não são para a delicadeza das almas modernas; e as sociedades ou corporações onde ellas ainda se travam, dão a medida da sua selvageria ou degrada-

ção. Por isso a arte, abandonando os themas ferozes, que nos repugnam, procura cada vez mais empolgar a nossa commoção pela pura dramatização da virtude. Os heroes, queremos-los humanos; e quanto mais modestos, mais lhes queremos.

Só uma disciplina liberal e amavel é capaz de servir o progresso dos estudos e, com elle, o engrandecimento do espirito nacional.

Até para emendar os erros dos outros, é preciso não os vexar. O melhor mesmo é leva-los a acharem por si a verdade. Elles ficam contentes comsigo e comnosco, e acceitam-na; e nós não perdemos por isso a auctoridade legitima para os conduzir.

Todo o bem, é preciso fazê-lo com delicadeza. Como desagradam os que, a titulo de obsequio, nos magoam! Custa-nos a ficarlhes agradecidos. Dar com uma das mãos, sem que a outra saiba, é preceito não só moral, mas tambem de delicadeza. A simples affabilidade é já um bem.

Se os rapazes soubessem quanto custa aos paes, que dariam tudo para tê-los sempre bem perto do coração, em toda a intimidade, verem-se forçados a tratá-los menos ternamente, a não lhes falar e a afastá-los mesmo temporariamente de ao pé de si para lhes significar o seu desgosto!

Toda a serenidade é pouca na educação. A nossa inquietação pelas creanças, que é proveniente dos nossos extremos e apprehensões por ellas, póde parecer-lhes fraqueza e temor, temor de que ellas nos faltem ao respeito e fraqueza da nossa parte para as disciplinar.

Muita gente julga ter sensibilidade e não tem senão sensualidade.

Certo politico dizia-me, quando eu lhe recommendava para o logar de sub-inspector de instrucção primaria num circulo dos Açores um pobre bacharel formado, que estava na miseria, vivendo a leite muitas vezes fiado pela generosidade do creado d'uma vaccaria: «Sabe que tenho coração!» E, passados dias, nomeou um candidato que não era para comparar em habilitações.

Outro. Vi-me obrigado pela minha posição a recommendar-lhe um bacharel formado que, durante o tempo de estudante, tinha sido subsidiado pela Philantropica, sob a minha presidencia. Falou-me tambem do seu coração, e depois, sendo o meu recommendado o primeiro classificado, começou as nomeações pelo ultimo.

Que os novos, que se destinam a exercer as altas magistraturas, não venham a soffrer da aridez d'alma das actuaes classes dirigentes!

D'uma certa idade por deante, occuparmo-nos dos outros é uma distracção indispensavel. Muita gente se entretém com flôres ou com animaes. Porque não hão de pôr-se tambem ao serviço dos seus semelhantes?

Hoje, com a extensão dos programmas, a custo se faz ensino; é quasi só reportagem.

Ensinem, se puderem, tudo quanto se tem pensado e sentido e feito, se puderem; mas deixem aos alumnos algum tempo para elles sentirem, pensarem e agirem tambem por si.

Quando os rapazes se insurgem contra um ensino que não deixa a ninguem tempo para profundar e admirar as maravilhas da natureza e da humanidade, que colhe o estudante como uma roda de engrenagem e, sem lhe dar um instante de respiro para ver, sentir e pensar por si, um instante para se ensaiar em qualquer trabalho proprio, o arrasta e revolve de lição em lição até lhe despedaçar as fibras ainda tão tenras da sua espontaneidade, os rapazes têm razão.

E não é infelizmente sem motivo que elles, do seu natural tão communicativos, se doem e queixam da frieza das aulas. Tambem a mim me arripia por vezes.

As faculdades têm uma certa capacidade, que é mister não exceder. Seja o que fôr que se dê demais a uma creança, comida, brinquedos ou estudo, ella vomita. E' ver como as mais pequeninas, enfartadas de quaesquer bonitos, os arremessam para longe. São sensações demais.

A frio nada se faz de grande. Sob pena de amortecerem em nós todos os impulsos

generosos, faz-se mister cultivar e desenvolver a actividade do coração, felizmente tão viva e irreprimível na juventude.

Ha pessoas tão fracas de nervos, que não lhes podemos fazer a confidencia das nossas lastimas, sem que logo de enternecidas ellas se perturbem e desmaiem; e temos de inverter os papeis, acudindo-lhes com os nossos cuidados e confortações. Chega a ser ridiculo!

Pergunta-se a certas pessoas porque não arranjaram isto ou aquillo. «Porque não vi.» Pergunta-se-lhes porque não fizeram qualquer coisa. «Porque me não lembrou.» Que vida somnambula que levam! E infelizmente assim occupam ás vezes os mais altos postos sociaes.

Um filho, para se desculpar de não ter cumprido uma ordem, declara que não a ouviu; e a mãe, para o desculpar, declara que se não lembra se lh'a deu. E ambos são sinceros!

A convivencia até as feições do rosto approxima.

As creanças que mais teimam com as pessoas para que tudo lhes façam, são as que menos teimam com as coisas para fazerem d'ellas boas. Habitadas a que os outros as alliviem de obstaculos, succumbem logo aos primeiros.

O amor do auctor pela sua obra. Domingos, depois de fazer uma construcção, pede mais solidos para outra. «Desfaça essa» indico-lhe. Mas elle, choramingando: «Deu-me tanto trabalho! Fi-la para durar. Quero-a para durar.»

Ha uns a quem se póde pedir tudo, menos á resposta a uma carta. Em contraposição, certos plunitivos estão promptos para escrever quanto ha, mas ninguem espere d'elles que dêem dois passos sequer fóra do seu roteiro ordinario.

Se, para nos tratarmos d'uma molestia grave, havemos de recorrer a Londres ou Berlim, tambem no estado de saude estamos na dependencia espiritual das outras nações. Reconheça-se e remedeie-se.

Creanças do povo. Tão pequeninas, e as distancias que percorrem a pé para a escola, e como vão a qualquer recado, de noite e por maus caminhos, sósinhas, sem o minimo susto!

A falta de educação physica torna-se numa deficiencia moral. Como hoje se educam, as creanças dentro em pouco não observam nada e por isso a ninguem attendem, nem fazem nada e por isso a ninguem servem.

Como custa não saber desenhar ou cantar, quando as creanças no-lo pedem! Mas, por amor d'ellas, se vai pouco a pouco apprendendo. «Vá xe bul (Faze um burro!)» diz a Gigi, e o burro faz se.

Muita gente, quando não tem uma qualidade, desdenha-a. Até por isso é sempre perigoso um incompetente á testa de qualquer serviço, por melhores que sejam os seus colaboradores technicos.

A ignorancia facilmente se converte em odio. Veja se a tendencia que teem os cabulas nas aulas para julgar mal dos condiscipulos premiados.

A arte tende cada vez mais a ir até ao dominio da intelligencia tirar do raciocinio effeitos gratos ou dolorosos.

O progresso é lei geral do universo. Até a materia bruta se vai pacificando e permitindo sôbre a terra a crystallização da vida e do bem. Como é que haviamos de conciliar o aperfeiçoamento dos organismos, desde a monera até ao homem, sem que o meio inorganico em que elles se transformam progressivamente, se aperfeiçoasse tambem? As revôltas edades geologicas primitivas só podiam produzir seres indecisos e disformes.

O mesmo succede na industria. Com os progressos da civilização, as grossas obras inteiriças, feitas ainda um tanto á fôrça bruta, cedem cada vez mais o logar a verdadeiras obras de precisão, mathematicamente divisiveis em pequenas peças que se ajustam com todo o rigor umas nas outras. Assim será possivel para futuro construir domesticamente as obras ainda as mais collossaes. E aos machinismos monstruosos, movidos

pelo vapor, que obrigam á accumulacão de braços nas officinas, rompendo os laços das familias, succederão as machinas-ferramentas que cada operario poderá pôr em movimento em sua propria casa, desde que para lá se canalize a fôrça electrica, como já hoje se conduz a agua e o gaz.

Viver na intimidade da familia, dos conterraneos e concidadãos, viver na humanidade, no mesmo terno enlevo da geraçãõ a que se pertence, isso é que é viver; e é assim que nos preparamos dignamente para entrar na outra vida, na vida universal, para viver em Deus.

Algumas creanças, pela sua rebeldia, tiram aos paes o prazer de lhes sorrirem.

Um professor diz á noite ao filho, estudante dos seus 16 annos em goso de ferias, que lhe vá levar a correspondencia á estacão postal e vá immediatamente, porque o correio está prestes a partir; e — emquanto o rapazola, que estava refestelado na sua cadeira, succumbindo ao encargo e quasi ferido na sua dignidade d'ocioso, pergunta para o lado á mãe: «então eu hei de ir agora lá abaixo?» e, para entreter, inventa que lhe falta qualquer coisa que a irmã vá buscar —, ó tempo passa e passaria a hora da partida do correio, se não é chegar uma pobre mulher do povo que, depois de ter labutado todo o dia e ainda agora vir de curar o caustico a uma visinha, logo se offerece para levar a correspondencia, e bondosamente para livrar o estudante de responsabilidades, nem mesmo espera pela resposta, pega nos papeis e deita a correr por ali fóra, exclamando que leva dinheiro no bolso e depois lh'o pagarão.

(Continuará.)

REVISTA DE REVISTAS

ALEMANIA

Zeitschrift für Schulgesundheitspflege.

(Revista de higiene escolar, Hamburgo.)

JULIO

Sobre los médicos escolares, por el profesor E. von Esmarch. — Refiere el origen de esta instituci3n, debido al azote de las epide-

mias, principalmente del trachoma, y encomia entre sus beneficios la inspecci3n reglamentaria del local, con motivo de la primera hecha en las 27 escuelas de Könisberg (que comprenden 312 clases con cerca de 18.000 alumnos). En cuanto al factor primordial de higiene, la ventilaci3n, sólo la de corriente tiene completa eficacia, sin que baste, no obstante, á desvanecer ese «tufillo» especial de las clases, producido por los abrigos húmedos y la ropa interior poco limpia. También es difícil de resolver el problema de la calefacci3n, íntimamente relacionado con el anterior, sobre todo para mantener la regularidad de temperatura y la relativa pureza del aire con las estufas ordinarias de carb3n, á veces reforzadas con las de gas. Viene en tercer lugar la iluminaci3n, con sus numerosas cuestiones; y, por último, en lo relativo al mobiliario, el banco escolar, también de elecci3n difícil entre los numerosos modelos modernamente construidos. La citada visita puso de relieve muchas imperfecciones en cada uno de estos puntos, en parte debidas á la vetustez de los edificios, en parte, también, á la misma oposici3n de los maestros, nacida de rutinarias preocupaciones ó del cómodo egoísmo: de todas ellas se tomó nota oportuna para proponer el remedio, atendida la urgencia en cada caso y los recursos al efecto aplicables.

Cómo ha de combatirse la tuberculosis en la escuela, por el Dr. Berger. — Como funci3n á que obliga el Estado, debe también ser vigilada por él la enseñaanza, de suerte que no constituya un peligro de infecci3n para los niños y para los demás. La edad escolar, el local cerrado y la postura obligada del alumno durante largo rato, son causas que favorecen la tuberculosis; las precauciones contra el contagio consistiran principalmente en evitar la proximidad del tuberculoso, en cuya tos, y hasta en la misma conversaci3n, puede absorberse el bacilo; después hay también peligro en la aspiraci3n del polvo que contenga esputos infecciosos en desecaci3n, y no parece lejano el día en que, declarada la tuberculosis enfermedad contagiosa de denuncia obligatoria, se haga general la medida de instalar escupideras

públicas en todas partes, con prohibición de escupir fuera de ellas. Además, habrá de cuidarse de que no participen en la enseñanza profesores ni alumnos que padezcan dicha dolencia, y de propagar la instrucción de la higiene en la escuela y en el hogar doméstico.

Sociedades y reuniones.—En la Sociedad de Psicología de Munich, habló el profesor Andrea sobre la psicología de los exámenes, criticando la perturbación que introducen en el plan de enseñanza, en las facultades y conducta de los alumnos y hasta en la labor misma de los profesores. En la esfera de la higiene, y desde el punto de vista social, no son menos peligrosos sus efectos.—La asociación de igual índole, de Berlín, trabaja actualmente en el sentido de interesar al mayor número de gentes posible, profesores ó no, en la cuestión del recargo mental, sobre todo en los estudios superiores, cuya causa no es á menudo el exceso de trabajo, sino la débil constitución nerviosa del alumno ó su alimentación deficiente.—Acerca del fomento de los juegos populares, habló el Dr. Schenell, en la Asamblea de la Comisión central á este fin instituída en Alemania, encareciendo la necesidad de la propaganda con sentido más práctico que hasta hoy, y de que en los cursos al efecto establecidos no se limite la instrucción á los juegos infantiles. El ejemplo de los festivales de gimnasia en Alemania era, á juicio del orador, de gran eficacia para promover el gusto á los juegos.

Varietades y noticias.—La prensa de Berlín censura la exagerada explotación de los niños en las faenas de la agricultura, tan rudas, ó más, que las de otra industria cualquiera.—Acaba de publicar la Sociedad de higiene popular de Rusia un programa de 16 cuestiones, en que se trata de dar unidad á las estadísticas sobre los resultados de las colonias escolares en aquel país.—Las autoridades escolares de Berlín siguen trabajando por suprimir las pizarras en la escritura.—Se emplea en las paredes y puertas de los retretes colores claros, con preferencia á los oscuros, porque evidencia mejor el estado de su limpieza.—El Dr. Rolfs publica en una Revista un artículo sobre los prin-

cipios de la educación física según los modernos puntos de vista, afirmando que al estado de progreso en las ciencias naturales debe seguir un sistema educativo que, dejando á un lado la tendencia filosófica de Herbart, y que produce, cuando más, eruditos ó sabios, se proponga formar al hombre, íntegramente, tal cual debe ser, de carácter, de voluntad y adecuado para la vida, cosa que no se obtiene con una mera sustitución de la enseñanza clásica por la moderna realista, pues en ambas es idéntico el resultado con diversos medios; sino tratando con igual atención que la espiritual, la naturaleza física del hombre.—Con el nuevo aparato inventado por dos maestros de Colonia (del cual acompañan dos grabados) se echa la tinta en los tinteros con absoluta seguridad, limpieza, y en la medida necesaria. Consiste en un cóno introducido en el cuello del recipiente, que se adapta al orificio del tintero. Su precio, incluso el frasco en que se contiene, es 3,50 marcos y se pide á H. Laufenberg, Colonia-Deutz.—La Comisión escolar de la ciudad de Berlín sigue ocupándose en la cuestión de que se utilicen como campos de juego los patios de las escuelas en que no hay clases por la tarde. Opónense á este proyecto no pocos directores de escuelas municipales, alegando que es escaso el número de tales escuelas, y muy pocos los alumnos que pueden jugar allí con holgura; los profesores de enseñanza superior, por el contrario, consideran ventajosa aquella medida. Parece que, en definitiva, prevalecerá el criterio de que se destinen al juego los patios escolares (cuando no haya campos especiales al efecto), durante las vacaciones, pero bajo la vigilancia de los maestros.—Frente á la institución de los médicos escolares, expone su creencia la Sociedad de maestros de Hannover-Linden de que puede desempeñar sus funciones cualquier médico al efecto designado por la ciudad; mientras que la Sociedad de profesores de segunda enseñanza de Berlín opina que los especiales conocimientos exigidos para aquéllos son más bien propios del naturalista; debiendo esperarse, sin embargo, que en breve serán capaces los mismos maestros de llenar cumplidamente este servicio.

(La Redacción de la Revista mantiene su opinión de que están llamados á desempeñarlos el médico escolar y el maestro en debido acuerdo). — La ciudad de Erfurt acordó nombrar cuatro médicos escolares, con 1.600 marcos anuales. — El propósito de combatir el alcoholismo por medio de la escuela se realiza en Berna, incluyendo en los libros de lectura convenientes advertencias, previniendo á los padres contra el uso de las bebidas, y excluyendo éstas de toda fiesta de carácter escolar. — Se ha inaugurado en Hannover el gimnasio femenino con una clase de once alumnas, y se espera que en cinco años esté completa la enseñanza. — El alcalde de Turín ha establecido cursos periódicos de educación física para las profesoras de gimnasia de la ciudad, incluso de juegos en la parte práctica. El influjo del profesor Mosso ha contribuído á fomentar en Italia el movimiento en favor de la gimnasia femenina (1).

Disposiciones oficiales. — De la alcaldía de Viena mandando que los dependientes de las escuelas inspeccionen constantemente los retretes para remediar toda falta de limpieza y evitar que se fume (2) en ellos (10 Marzo 1899). — De la misma autoridad, para que en la segunda quincena de Abril se proceda á la vacunación general en todas las escuelas públicas y privadas del distrito, en vista de la existencia de la viruela en algunas provincias del Imperio, sin esperar á la época ordinaria, de Mayo ó principios de Junio (8 Abril 1899). — Del Ministro de Cultos é Instrucción pública de Prusia, dando fuerza legal á las disposiciones de la policía, que prohíben emplear en industrias á los niños de edad escolar desde las siete de la noche á las siete de la mañana.

Libros nuevos. — J. M. Ferrari: *Disciplina scolastica educativa*. Roma, 1897. Considera la educación racional de la juventud como el medio único de contener la decadencia intelectual, política y moral de Italia. El profesor debe ser pedagogo de afición y de estudios, no prófugo de otras carreras, y fo-

(1) Entre nosotros, por nuestra ignorancia, la tendencia es contraria. — *N. de la R.*

(2) Costumbre bastante desaseada y frecuente en nuestro país. — *N. de la R.*

mentar la personalidad é independencia del alumno, aun á riesgo de que contraiga algún vicio. Aparte de las opiniones algo radicales del autor en este punto, merece encomiar su alta idea de la educación física y el calor con que escribe acerca del problema en cuestión. — Clara Obst; *Guta para la instrucción de las profesoras de gimnasia*. Primera y segunda parte. Berlín, 1897 y 1899 (en alemán). Su contenido es, respectivamente: ejercicios libres y con aparatos, con descripción de éstos; y descripción del cuerpo humano y nociones de cirugía aplicada á la gimnasia y sus accidentes. Recomienda calurosamente los juegos. A la obra acompañan cinco grabados. — A. Baginsky (1) y O. Janke: *Manual de higiene escolar para médicos, funcionarios de sanidad, maestros, directores de enseñanza y técnicos*. Tomo primero; tercera edición, con 238 grabados. Stuttgart, 1898. (En alemán). Después de reseñar brevemente la historia de la higiene escolar, dividen sus cuestiones en estos cuatro puntos capitales: edificio de la escuela y su disposición interior; la enseñanza, en sus relaciones con la salud; influjo de la vida escolar en el desarrollo corporal de la juventud; inspección higiénica de la escuela. Dedicán este primer tomo al primero de ellos, principalmente á la clase y sus condiciones, que estudian con el mayor detalle. En un apéndice, tratan con brevedad del alumnado, pensiones, internado, jardines de la infancia y colonias escolares. El segundo tomo se destinará á los otros tres capítulos. — J. ONTAÑÓN.

FRANCIA

Revue internationale de l'enseignement.

Paris.

DICIEMBRE

La Química aplicada en la Facultad de Ciencias de París, por C. Friedel. En 1896 se inauguró esta enseñanza, para la cual se inscribieron numerosos alumnos. Los trabajos consistieron: el primer año, en dos conferencias semanales destinadas á expli-

(1) Una de las primeras autoridades europeas en estos asuntos. — *N. de la R.*

car á los alumnos las operaciones que han de ejecutar, y preparaciones de Química mineral, análisis cualitativo y algunos experimentos de análisis cuantitativo. El segundo año comprende análisis cuantitativo y preparaciones de Química orgánica, y el tercero, análisis y preparaciones industriales. Durante los dos últimos años, los alumnos siguen los cursos de la Sorbona relativos á su especialidad (Metaloides, Metales, Química orgánica, etc.); pero el principal trabajo es siempre el de laboratorio, donde, por regla general, deben permanecer los alumnos de nueve á cinco, con un intervalo de hora y media para almorzar. Se organizará igualmente de un modo práctico y con un laboratorio especial la enseñanza de la Electroquímica; se han dado seis conferencias teórico-prácticas sobre Espectroscopia, y se han hecho trabajos en vidrio. Varios industriales entusiastas de la nueva creación han entrado á formar parte del Comité de patronato, destinado á dar á conocer á la dirección los *desiderata* de la industria y á favorecer la colocación de los alumnos á su salida de la Escuela.

El español en la Universidad de Tolosa, por E. Merimée.—En los últimos días de 1886, se creó en la Universidad de Tolosa una cátedra de lengua y literatura españolas. Casi había desaparecido la enseñanza de las lenguas del Mediodía (español é italiano) en las regiones donde parecía más propia, después de haber gozado un momento de favor bajo el Imperio. Con pocos alumnos al principio, con mayor número después, viene M. Merimée profesando esta enseñanza, que al fin ha sido admitida á la sanción de agregación. Algunos alumnos, dos cada año, han podido venir á España á completar su instrucción mediante la creación de becas de viaje en 1888-1889. Pasan en la Península diez meses, y aunque durante ellos gozan de amplia libertad, casi todos siguen el plan aconsejado por el profesor, pasando las primeras semanas en Burgos, «donde se habla un castellano puro y limpio de toda mezcla sospechosa,» residiendo el semestre de invierno en Madrid, para asistir á las cátedras de la Universidad Central, á las Bibliotecas, los Museos y el Ateneo, y empren-

diendo hacia Pascua un largo viaje circular por Andalucía, Murcia, Alicante, Valencia y Barcelona. Y para terminar el conocimiento de España siguen, por último, de Este á Oeste la cadena pirenaica y las costas cantábricas, desde Zaragoza hasta León y Oviedo, pasando por Pamplona, Bilbao y Santander.

En estos viajes, los alumnos aprenden á conocer, no sólo la lengua, sino también las costumbres, la historia, las artes, las instituciones; prosiguen un plan de estudios acordado antes de ponerse en camino; redactan trabajos elegidos conforme á sus gustos, y se mantienen en relación con la Facultad de Tolosa, á la cual continúan oficialmente afectos. M. Merimée cree que no se necesitaría gran esfuerzo para crear en Madrid una pequeña escuela de hispanistas franceses, donde los futuros candidatos á la agregación podrían pasar algún tiempo, con gran provecho: especie de seminario, cuya actividad, cuidadosamente dirigida, mantendría en España la buena reputación científica francesa y exploraría los dominios que las letras y la historia de España reserva todavía á los investigadores.

El problema de la educación secundaria.—M. Darboux, decano de la Facultad de Ciencias de París, en la ponencia presentada al Consejo académico, propone que se establezcan, á partir del segundo año, en la enseñanza clásica, dos secciones distintas, una más literaria y otra más científica. Los estudios científicos se mejorarían así, y los estudios literarios no perderían nada.—Th. Fitz-Hugh, en el libro titulado *The Philosophy of the Humanities* (Chicago), se propone rehabilitar el estudio del latín. El desenvolvimiento de la civilización antigua presenta, según él, tres períodos. En el primero, el hombre debe luchar contra la necesidad material y se constituye la sociedad: es la *edad económica*. Una vez constituido el Estado, se dilata y se desenvuelve el arte: es la *edad artística*. En fin, á la religión de la belleza muda la de la verdad: *período reflexivo* ó científico. La civilización moderna se desenvuelve del mismo modo: régimen social cristiano; grandes obras de arte (Dante, Miguel Angel, Rafael); tercer período, que co-

mienza con Descartes. Y como esta evolución de la civilización se corresponde con el desenvolvimiento psicológico del individuo, es muy importante el estudio de una civilización, cuya evolución se halla terminada y que «hará tocar al estudiante las fuerzas vivas del universo moral y el centro mismo de la historia de la civilización.» Así «conocerá el joven el poder de un ideal en la vida humana; observará el influjo del medio; asistirá á la organización de la sociedad, al progreso de las instituciones. Verá el nacimiento del arte y la realidad de su función civilizadora. Comprenderá los orígenes de la filosofía y verá salir de ella las diversas ciencias, como Minerva de la cabeza de Júpiter.»

Crónica de la enseñanza.—La Universidad de Harvard (1) ha publicado las *Harvard's Studies and Notes* y el *President's annual Report*. Anuncia algunas innovaciones en los estudios y en los ejercicios del doctorado en filosofía, y contiene cifras muy instructivas. El total de las rentas de la Universidad ascendió en 1896-97 á 1.249,065 dollars, y el total de los gastos á 1.162.662 dollars, de los cuales 75.441 se destinaron á becas y otros varios auxilios á los estudiantes, y 1.559 á premios en dinero. Los donativos para el año corriente (1897-98) se elevan á 337.820 pesos de fondos permanentes y 108.015 de fondos inmediatamente utilizables. El presidente termina su informe pidiendo todavía una suma inicial de 500.000 dollars para establecer una caja de retiros. James H. Hyde, estudiante de cuarto año (*Senior*), ha hecho al Círculo francés un donativo de 30.000 dollars, cuya renta ha de constituir un fondo permanente, destinado á satisfacer los gastos de conferencias hechos por un francés distinguido. M. René Doumic inaugura este año la fundación, tratando del movimiento romántico en Francia.—El *Teachers College*, de Nueva York, ha entrado en alianza con la Universidad de Columbia (de la misma ciudad), asegurando así su porvenir como escuela de educación para los maestros. Este Colegio fué fundado en 1887,

(1) Acerca de esta Universidad, véase el número 340 del BOLETÍN (188...).—*N. de la R.*

bajo la presidencia del profesor Murray Butler, de la Universidad de Columbia, á la cual pertenecían también varios de los miembros de su primer Consejo de administración. Hoy se eleva sobre un terreno nuevo, donado por G. Vanderbilt, y completando su enseñanza teórica, conserva sus escuelas de observación y de práctica, desde los *kindergarten* hasta las escuelas superiores.—Los dominicos han fundado en Jerusalén una *Escuela práctica de estudios bíblicos*, destinada á iniciar á los sacerdotes jóvenes en la interpretación científica de la Sagrada Escritura. En los dos años que duran los estudios se les explica los pasajes más difíciles y más importantes del Antiguo y del Nuevo Testamento; aprenden varios idiomas orientales y siguen un curso de Arqueología bíblica y otro de Geografía sagrada en general y de topografía de Jerusalén en particular. Hacen además un paseo arqueológico de medio día cada semana; dos excursiones cada mes, de un día entero cada una, y tres grandes viajes de exploración por año. Detalle digno de notarse: un rabino judío da lecciones de conversación en hebreo moderno.

Sociedad para el estudio de las cuestiones de enseñanza superior.—En su junta de 25 de Noviembre de 1898, la Sociedad ha acordado someter al estudio del Congreso internacional de enseñanza superior de 1900 los puntos siguientes: 1.º Creación de obras en interés de los estudiantes. 2.º Medios de evitar el aislamiento de los estudiantes extranjeros en los centros universitarios. 3.º Instituciones similares en el extranjero. 4.º Extensión universitaria. 5.º Formación, por las Universidades, de las profesiones de enseñanza superior, secundaria y primaria.—Se crean además las secciones siguientes: Historia y Geografía, separadas, con facultad de reunirse; Ciencias políticas y sociales, Derecho, Lenguas y Literaturas clásicas, Lenguas y Literaturas extranjeras, Filosofía.

Notas bibliográficas.—Debe señalarse una, de M. Desdévise du Désert, muy favorable sobre el libro del profesor Sr. Altamira, *De Historia y Arte* (1).—A SELA.

(1) Madrid, Suárez, 1898.—1 vol. en 8.º

Revue pédagogique.—Paris.

ABRIL

Informe sobre la enseñanza de la moral en las escuelas primarias de la Academia de París (1898), por M. Evellin.—Desde que la enseñanza de la moral en las escuelas ha tomado una nueva vía, todos los maestros, con raras excepciones, han entrado en ella con entusiasmo. No se trata ya de las antiguas lecciones de moral, dirigidas á inculcar en el niño ciertos principios. Se ha visto que, si la razón ha de servir de guía en la vida moral, el sentimiento ha de dar el impulso para entrar en ella, y que para despertar la emoción son completamente ineficaces los principios generales, las ideas abstractas. Hay que enseñar con los hechos, con el ejemplo, en una palabra, con la moral viva. Ocurren varias objeciones: la inferioridad de los espíritus en que hay que obrar, comparados con la altura del fin. Nada más inexacto. El niño es capaz de amar; esto nadie lo niega. Pues es lo suficiente para guiarle al amor del bien y de lo bello. La tarea parece á muchos enorme; los resultados que se pueden obtener en la escuela, muy pequeños, comparados con aquélla. No importa. Lo que se haga, poco ó mucho, quedará en el fondo del espíritu colectivo como base para ulteriores progresos; la formación moral de un pueblo no es obra de una generación. Hay quien cree que para aprovechar más el tiempo hay que dar á la enseñanza moral un carácter utilitario; no es cierto, ni hay que olvidar que la primera dirección que se dé al espíritu, ó será la que prevalezca más tarde, ó servirá de obstáculo para formaciones posteriores. Después de estas consideraciones generales, hace el autor una serie de observaciones, fundadas en los informes de diferentes maestros, en que se demuestra lo fructífero de la labor de éstos y su influjo en el medio. De esto á una estadística anual de los resultados (como algunos querían hacer) va mucha diferencia. Los hechos de que se trata son muy difíciles de reducir á números. Pero la obra marcha; la semilla que hoy se siembra con entusiasmo producirá mañana sus frutos.

Sobre "La educación de la democracia fran-

cesa, por M. León Bourgeois,, por M. Marcel Charlot.—Reunión de 14 discursos de M. Bourgeois. Como el título lo indica, el libro de que hace mención este artículo está inspirado en la moderna orientación de la enseñanza y de la educación en que han acabado por entrar todos los órdenes, incluso la Universidad.

Las lecturas populares en Lille, por C. B.—Da cuenta de la organización de un grupo constituido en Lille con objeto de dar lecturas populares; en sus sesiones hay literatura clásica y moderna, música y conversaciones dedicadas á la educación cívica. Contribuyen á ellas individuos de todos los grados de la enseñanza.

Informe sobre el certificado de aptitud para el profesorado en las escuelas normales y en las escuelas primarias superiores (Aspirantes á Letras), (sesión de 1898), por monsieur E. Duplan.—Los ejercicios consisten en lo siguiente: a) *Escritos*. 1.º Moral ó psicología aplicada á la educación. 2.º Literatura; 3.º Historia y geografía. 4.º Lenguas vivas. b) *Orales*. 1.º Lección sobre un asunto de literatura, de historia y de geografía. 2.º Lectura explicada. 3.º Corrección de un deber de alumno. 4.º Lenguas vivas.—El autor de la memoria dice que en general, y especialmente en cuestiones de pedagogía, moral y geografía, el nivel de los exámenes ha sido muy bajo. Los aspirantes carecen de iniciativa propia, no saben salir de los cuadros prescritos, ni tienen juicio formado, cosas todas necesarias para ejercer la obra de educadores. Atribuye estas deficiencias: primero, á la rapidez con que se hace la preparación; y en segundo lugar, á que la mayor parte no han comprendido que en este examen no se trata de probar la cantidad de conocimientos, sino la aptitud profesional.

Una investigación pedagógica en las escuelas primarias de Lyon, por M. C. Chabot (del *Boletín de Instrucción primaria del Ródano*).—Unos 400 niños han respondido, por escrito, á esta interesante cuestión: «De las materias siguientes del programa: moral, francés, historia, geografía, aritmética, ¿cuál ó cuáles son las que más os interesan? Dad las razones.» Contando un voto por cada vez que los niños han nombrado las

asignaturas, resulta: Moral, 210; Historia, 187; Aritmética, 155; Geografía, 145; Francés, 121. Las razones dadas reflejan más que nada la importancia que los maestros han dado á sus enseñanzas y son en su mayoría de carácter utilitario. Convendría repetir la experiencia con otros niños; quizá se llegaría á tener que modificar los métodos de enseñanza, v. g., del francés.

Orfanato de la enseñanza primaria, por E. F.—Da cuenta de una reunión familiar de esta fundación, destinada á educar y sostener, sin sacarlos de su medio, á los huérfanos de los maestros de primera enseñanza.

Conversaciones científicas. — La evolución del suelo francés. Historia de su desarrollo progresivo, con descripción de sus grandes regiones naturales, por M. Ch. Vélain.

Revista de la prensa.

Los libros. — La novela en los siglos XVII y XVIII, por M. André Le Breton.—*Indicaciones y consejos prácticos para uso de los principiantes y de los candidatos á los exámenes superiores de la Enseñanza*, por M. Félix Martel.

Crónica de la primera enseñanza en Francia.

Revista del extranjero. — Alemania, por M. A. Pinloche. Preocupa mucho en Alemania la falta de cultura del profesorado primario. Según M. Rein (el eminente pedagogo herbartiano), hace falta mejorar la situación del profesorado y no confundir la preparación general con la cultura especial, que debía ser el fin exclusivo de las escuelas normales. Hoy están confundidas en éstas ambas preparaciones. La elección de profesores, sobre todo en los Estados donde no se exige examen para el profesorado de las normales, éstas se llenan de teólogos. En Alemania no existe una organización análoga á la de la Escuela de Saint-Cloud. Para subsanar este defecto, hay escuelas de perfeccionamiento destinadas á los maestros más distinguidos. Sus plazas son retribuidas. El nuevo plan de exámenes para maestros, adoptado en Wurtemberg, establece dos grados: uno, para los destinos temporales, y otro, para los definitivos, á que no se puede llegar sino después de dos años de servicios. En ambas se relega á último término la religión. El segundo tiene un carácter predominantemente profesional.—La Universi-

dad de Berlín ha rechazado por segunda vez la organización de la enseñanza popular superior, fundándose en que no entra dentro de sus fines. Algunos profesores, sin embargo, pretenden todavía implantarla; sólo falta la decisión favorable del Emperador. Mientras tanto, se desarrollan las *Escuelas de perfeccionamiento*, destinadas á ampliar la obra de la escuela primaria.—La estadística acusa un enorme desarrollo del alcoholismo en los alumnos de las escuelas.—Se ha agitado mucho la cuestión del trabajo manual en las escuelas. Sus enemigos dicen que es una asignatura más, y no un descanso; que desde el punto de vista físico, es inferior á la gimnasia y á los juegos; que no es más educativo que el dibujo y la gimnasia; que, desde el punto de vista social, sólo ha producido el temor de la competencia por parte de los industriales de oficio; que el fin de la escuela es la educación general, no profesional (1). Predominan estos argumentos y el trabajo manual no se establece.—El partido católico pretende de nuevo apoderarse de la escuela, que considera perdida en manos del Estado; combate la obligación escolar y, naturalmente, la secularización de la escuela. La misma violencia del ataque ha hecho fácil la defensa, aparte de que la inspección eclesiástica se halla muy extendida en Alemania.—Tiene mucha importancia el movimiento *reformista* actual. Su objeto es la supresión casi completa de los estudios clásicos en la segunda enseñanza. Reemplaza, v. g., el estudio del latín en el segundo año, por el del francés. La reforma es muy combatida; pero en todas partes, menos en Baviera, va encontrando el apoyo oficial, pues, entre otras ventajas, tiene la de unificar el tipo de todas las escuelas de segunda enseñanza.—GONZALO J. DE LA ESPADA.

INGLATERRA

The Journal of Education. — Londres.

MARZO

Notas ocasionales. — El rector Hopkinson, en la *Revista de legislación*, se lamenta de que la carrera de abogado esté tan aban-

(1) El trabajo manual en la escuela primaria no debe ser profesional, sino análogo al dibujo, puramente educativo.— N. de la R.

donada en Inglaterra: en realidad no se considera como tal. Propone para remediarlo el establecimiento de una Escuela central en Londres, organizada y dirigida por un comité de estudios, compuesto de representantes de las diferentes corporaciones de abogados, conocidos con el nombre de *Bench Bar* é *Inns of Court*, y hasta de algún delegado de la magistratura. Es verdad que se necesita una reforma fundamental en esta materia; pero parecería natural que en esas enseñanzas tomara parte la Universidad de Londres. El *Times* opina que debe seguirse el consejo de Sócrates y de Xenofonte, en cuanto á la enseñanza en la escuela elemental de la economía doméstica, y que, por de pronto, conviene incluir algunos pasajes de esta materia en los libros de lectura; porque aun cuando contienen lecciones excelentes respecto á confección de alimentos y vestidos, limpieza personal y de las habitaciones, tratamiento de las enfermedades más comunes y disposición de los departamentos para enfermos, bien puede decirse que todo ello es letra muerta en las escuelas.—Es altamente simpático el llamamiento del duque de Devonshire (1) en ayuda de la Universidad de Cambridge. Cada año crecen las necesidades del material de enseñanza, y parece como que disminuyen en proporción las rentas. Los gastos de bibliotecas, laboratorios y menaje escolar van aumentando en proporción exorbitante. El duque pide 200.000 libras esterlinas de presente, y 10.000 cada año. «¿Dónde están nuestros millonarios ingleses? — exclama. ¡Lástima grande que no se pudieran importar algunos de los que tanto sobran en América!» — Se abusa de la palabra *superficial*. «El superficialismo no consiste en la cantidad del conocimiento; depende más bien de la calidad del que aprende que de la cosa enseñada»: ha dicho Mr. Balfour en su discurso sobre la enseñanza técnica en el acto de la apertura de un nuevo local de conferencias en el Politécnico de Battersea. De un modo acabado demostró que es erróneo confundir

(1) Es el canciller de la Universidad, y bajo el nombre de lord Hardigton ha desempeñado un papel importante en el partido unionista liberal, en los tiempos de Gladstone.—N. de la R.

la pequeñez del conocimiento con la superficialidad: «se puede conocer muy poco de una materia sin caer en el superficialismo, y, por el contrario, puede una persona poseer muchos conocimientos é incurrir en ese vicio.»

Robert College: Un colegio americano en Constantinopla, por L. E. Upcott.—Fue fundado en 1860 por Mr. Christopher R. Robert, comerciante de Nueva York, y organizado, como sus análogas instituciones de los Estados Unidos; pero como la experiencia enseñara que los estudiantes que acudían no estaban suficientemente dispuestos para recibir la instrucción que en él se da, se creó una escuela preparatoria, cuyo plan se desenvuelve en tres años, mientras que el del colegio dura cinco. Acuden alumnos de las principales regiones del Oriente europeo, y particularmente turcos, griegos, armenios, búlgaros, y también se matriculan algunos ingleses, franceses, israelitas, polacos, etc.; la mayor parte de ellos son pensionistas, y pagan 40 libras esterlinas por año. En 1856 había 220 matriculados, de los que 11 pertenecían al preparatorio. Cada uno de ellos recibe toda la educación en su lenguaje nativo, y cursa la literatura de su país al mismo tiempo que el idioma y literatura ingleses; se les enseña aritmética, geografía é historia en su propio idioma, y después en inglés. El latín es obligatorio durante los tres primeros años; es verdad que lo toman muy mal los alumnos, porque no ven clara su aplicación; el griego no es obligatorio más que para los naturales del país. Las matemáticas superiores y las ciencias físicas y naturales entran en el plan de estudios del Colegio, del cual forman parte también la filosofía, la geología, la historia del imperio bizantino, así como la retórica, elocución y oratoria. Para excitar el entusiasmo de los estudiantes en estas asignaturas, se celebran semanalmente sesiones prácticas de declamación, y se conceden premios á las mejores oraciones originales. En cuanto á los resultados de la enseñanza, observa el autor que los búlgaros sobresalen en matemáticas, y que los jóvenes son más pacientes, más receptivos y más serios de lo que

sería de esperar en estas regiones orientales; emprenden su educación con un objeto preconcebido, que es, sobre todo, adquirir una profesión ó procurarse pronto un empleo en la administración del país á que pertenecen. Se procura introducir el gusto por los ejercicios físicos, aunque no sea más que para proporcionar á los muchachos distracción de su diaria tarea académica. Como el fundador del Colegio se propuso organizarle como una institución cristiana, la enseñanza religiosa obedece á este proyecto; pero la educación que en él se recibe está prácticamente desprovista de todo espíritu de secta y responde al principio de la más perfecta libertad de conciencia. Sucede en este punto una cosa extraña; y es que mientras las autoridades religiosas de Turquía no muestran ninguna antipatía al Colegio, los políticos se complacen en hacerle la oposición. Sin embargo, conviene notar que el hermano del Sultán educa á sus hijos en él.

Lo que leen los estudiantes jóvenes, por L.— Si es indudable que «el niño es el padre del hombre,» debe interesarnos grandemente lo que piensa y lo que lee en los años en que se forma su carácter: «dime lo que lee un niño y te diré lo que será cuando hombre»; me decía un maestro de escuela viejo alemán. Con el fin de darse cuenta, el autor de las lecturas predilectas de las muchachas que frecuentan las escuelas, abrió hace tiempo una información entre las de doce á diecisiete años, y es muy curioso notar la variación que se ha verificado durante una década. Hace diez años, leían principalmente libros de miss Mulock, Carlota Yonge, Mr. Henry Wood. En cambio, hoy es rarísimo encontrar en las contestaciones los nombres de estos autores. Es lamentable tal desdén de obras tan á propósito para las que se encuentran en los umbrales de la plena vida femenina. Conforta el ánimo observar que actualmente gozan de preferencia las novelas de Edna Lyall y sobre todo *Donovan* y *Treasure Island*, compartida con Scott, que, á despecho de los recién llegados, continúa mereciendo el aprecio de los jóvenes. Los poetas están en baja: de ochenta respuestas,

sólo dos contienen los nombres de Shakespeare y Tennyson; el pobre Bulwer Lytton ha caído en el olvido; María Corelli es también muy popular; otro tanto sucede con miss Everett Green y Talbot Baines Reed. Admira verdaderamente que Robinson Crusoe no aparece en una sola lista, como causa gran extrañeza la total proscripción de los libros de cuentos.

Los comienzos del estudio del número, por M.—De todas las materias del programa escolar, el número es quizá el que mejor se presta á ser enseñado inteligentemente; pero tales son las equivocaciones que en este punto existen, que se impone la reforma. El maestro debe distinguir en él tres cosas principales: el nombre del grupo, el signo del grupo, y el grupo mismo. El primer elemento es el más fácil de aprender; mayor dificultad presenta el aprendizaje del grupo; pero más grande es ahora la que ofrece la conexión entre todos. El niño aprende pronto á contar, aprende una cierta serie de términos; también logra llegar al reconocimiento y la reproducción de las figuras de los signos que representan esos términos; pero no les atribuye existencia real. Para proceder con acierto, el signo y el sentido de la realidad deben ir juntos desde el principio; el estudio del grupo, como el más importante, ha de merecer mayor atención, y es preciso considerarla de dos maneras: primero, reconocimiento del grupo; segundo, imaginación del grupo.—Hay que prevenirse contra la confusión que á menudo se produce en el espíritu del niño entre el objeto contado y el signo que lo representa; tanto, que para él los números, por ejemplo, tres, cuatro, representan en su inteligencia el de la última cosa añadida á otra ú otras, y no el de la totalidad del grupo.

Los proletarios intelectuales en Irlanda, por Uno de ellos.—Recientemente, se ha producido en Francia un movimiento de opinión con motivo del excesivo número de profesionales que salen de las Universidades. A la misma causa obedece en Irlanda el aumento de proletarios académicos que se nota por todas partes. Hay al presente dos Universidades en este país, y debían sa-

tisfacer las necesidades de una población decreciente, si estuvieran organizadas con arreglo á las necesidades y á los deseos del pueblo. La Universidad Real no es más que una corporación examinadora, y el Colegio de la Trinidad (antigua Universidad de Dublín) es un seminario para los aristócratas y los plutócratas, no para las masas populares. Desde que se estableció la Universidad Real en 1880 es tan grande el número de graduados, que poco faltará para que se coman unos á otros. Sobran los abogados y los procuradores. En cuanto á los médicos, baste decir que dan un crecido contingente á la emigración. Dichoso el que logra ser colocado en un distrito rural, con 80 libras por año; pero donde se dejan sentir con más fuerza los efectos de esta *sobreproducción*, es en la profesión del magisterio. La remuneración en las escuelas y colegios católicos secundarios es, en la mayor parte de los casos, *inferior* á 100 libras. En las escuelas nacionales de la misma clase hay solamente un profesor que percibe más de 160 libras y uno ó dos tienen 150, pero esto es excepcional: generalmente, no llegan á 120.

Noticias coloniales y extranjeras.—Alemania. La nueva Universidad comercial de Leipzig está en pleno florecimiento. Al principio del curso de verano, contaba con 76 matrículas recientes: 35 negociantes, 3 libreros, 11 estudiantes de Universidad y 13 procedentes de las escuelas. Esta interesante institución tiene un órgano directivo, consistente en un rector, tres profesores, tres representantes de la Cámara de Comercio de Aquisgrán y dos de otras sociedades, que se han comprometido á garantizar el pago de los gastos del experimento durante diez años.—Se observa en Alemania la tendencia á extender la esfera de influencia de la Economía. El famoso profesor Wagner, de Berlín, insiste en demostrar las ventajas que proporciona este estudio á los juristas, y pide que se exija el examen de esta asignatura á los estudiantes de leyes, y por consiguiente á los empleados del servicio civil prusiano. Censurando la conducta del clero de la Iglesia oficial, que ha expresado su *horror* ante la idea de que se introdujera el estudio de la Hacienda en la facultad de Teo-

logía, recuerda que hace mucho tiempo que un Obispo católico envió á Berlín algunos de sus subordinados para que se impusieran en la ciencia económica.

Universidades y escuelas.—Oxford. Ha interesado vivamente la opinión pública la apertura de una nueva institución de enseñanza, intitulada *Ruskin Hall*, cuyo fin principal es poner los medios educativos que Oxford contiene, á disposición de las gentes poco acomodadas. El detalle de sus propósitos es el siguiente: la duración de los estudios será de cuatro años, uno en Oxford y tres en el domicilio del alumno, y comprenden historia, política, sociología, ciencias. Los cursos en casa (*at home*) se siguen por *correspondencia* con los profesores. El costo es de 10 chelines por semana, comprendida la alimentación, alojamiento y lavado de ropa; por la enseñanza, se pagan 6 libras cada año.—*Cambridge.* El 31 de Enero se verificó el meeting de inauguración de la «Asociación de la Universidad de Cambridge». El canciller, el vicescanciller, lord Rostchild, el obispo Crexton, sir Richard Webster, el profesor Jebb, el doctor Butler y otros, hablaron elocuentemente de las necesidades de la Universidad y de lo mucho que puede hacer la asociación para remediarlas. Se anunció que las donaciones para el fondo benéfico ascendían á 29.000 libras y que se esperaban sumas de importancia. Cerca de 700 personas de distinción figuran como afiliadas á la institución, cuyo fin primordial es aumentar los recursos de la Universidad para el trabajo educativo y la labor científica.—*Irlanda.* No hay ninguna cuestión en esta región que muestre mayor interés que la de la enseñanza. En el meeting celebrado en Mansion House á principios de Febrero, se reprodujeron los viejos argumentos favorables al establecimiento de una Universidad católica, y se hizo constar la gratitud que el partido católico siente hacia Mr. Balfour, decidido campeón de su causa. Al mismo tiempo, los miembros del *Queen's College* de Belfast se reunían en conferencia y declaraban que no puede aceptarse una Universidad que no contara entre sus enseñanzas la filosofía y la historia, y que el estado actual de la edu-

cación universitaria irlandesa no es nada satisfactorio, consistiendo su único remedio en la resurrección de la extinguida *Universidad de la Reina*, sobre bases completamente laicas. La asamblea general presbiteriana aboga por la nacionalización de la Universidad de Dublin, cosa que no rechazarían los obispos católicos, si lograran representación en su dirección. El Senado de la Universidad Real ha discutido la cuestión, y como las opiniones estaban tan divididas, acordó aplazar la resolución. — La Comisión de enseñanza intermedia ha recibido multitud de informes, relacionados con esta enseñanza en Irlanda. Algunos directores de escuelas optan por conservar la organización actual; otros recomiendan cambios moderados y reclaman la inspección del Gobierno; pero piden que se conserve el «pago por los resultados» en los exámenes públicos; y hay muchos individuos de la Comisión que reconocen la necesidad de introducir radicales reformas, puesto que la enseñanza de las ciencias físicas se encuentra en un estado lamentable, la del comercio ha hecho fiasco completo y la de los clásicos y las lenguas es meramente memorista. La situación económica de los maestros deja mucho que desear: por cinco horas de trabajo al día, apenas perciben 12 chelines cada semana; nadie se ocupa de los edificios escolares, de las horas de estudio, de los métodos de enseñanza, de la higiene escolar. Las personas que se preocupan del problema proponen la abolición de los exámenes, la creación de inspectores competentes y celosos y la fundación de plazas gratuitas en las escuelas adonde concurren pobres. El profesor Mahaffy sostuvo la supresión de la enseñanza de la lengua irlandesa, á lo cual contestó el Dr. Douglas Hyde, delegado de la Liga gaélica, con una elocuente defensa de este estudio.

Bibliografía. — Exposición y crítica de estos libros: *Vida de Guillermo Shakespeare*, por Sidney Lee; *La psicología de los pueblos*, por Gustavo Le Bon; *Las cinco ventanas del alma*, por E. H. Airtken; *Texto elemental de botánica*, por Sydney H. Vines; *Media hora con los autores franceses modernos*, por J. Lazare; *Texto de geografía mo-*

derna, por W. Hughes, y otros menos importantes. — ADOLFO A. BUYLLA.

ENCICLOPEDIA

BREVE HISTORIA DE LA CIENCIA

DE LA MITOLOGÍA

por D. Alejandro Guichot (1),

Prof. de Dibujo en Sevilla.

1. Sistemas de interpretación de la Mítica en la antigüedad. — 2. El evemerismo. — 3. Tendencias de los siglos posteriores. — 4. El hebraísmo en el siglo XVII. — 5. La Mitografía en el siglo XVIII. — 6. Principios del siglo XIX. Anuncio de la Mítica científica. Predominio del sistema astronómico. — 7. Nacimiento de la Mitología comparada. — 8. Base común de las modernas teorías mitológicas, y su más difícil materia. — 9. Escuela filológica. Sus principales cultivadores. — 10. Doctrina de Max-Müller, que da carácter á la escuela. — 11. Trabajos de dicha escuela. Reacción contra sus exageraciones y su exclusivismo. — 12. Artículos ingeniosos contra el sistema filológico. — 13. Aspectos que se destacan entre las escuelas filológica y antropológica. Sentido de Spencer. — 14. Aspecto histórico en los cuentos tradicionales populares. — 15. Escuela antropológica. Sus representantes. — 16. Doctrina de Lang, que caracteriza á la escuela. — 17. Extensión de la ciencia mítica. — 18. Camino de armonía científica. — (Notas bibliográficas.)

1. — Cuando estaban ya separadas la Mitología, la Religión y la Ciencia, y en el sincretismo de la antigüedad los filósofos quisieron explicar las antiguas leyendas, referidas por los sacerdotes y los poetas á los pueblos, apareció el primer sistema de interpretación de la Mitología (2), el *sistema alegórico* como lo explicaron los racionalistas persas y los naturalistas griegos, desde el siglo VI antes de nuestra era. En la am-

(1) Véase *La Alhambra*, Revista quincenal de artes y letras (Granada); números de 31 de Octubre y 15 de Noviembre de 1898.

(2) En las notas bibliográficas é indicaciones de fuentes, además de las vistas por mí, incluyo las oportunas que citan y siguen los autores que he consultado.

La historia de la Mitología como ciencia y la exposición de sistemas interpretativos se pueden estudiar, no mencionando trabajos especiales en revistas y folletos, en las obras siguientes:

Kund. *Die Herabkunft des Feuers und des Goettertranks*, Berlín, 1859. — Müller. *Nouvelles leçons sur la science du langage*, traducción francesa, tomo II, páginas 113 y siguientes. — Block, *Evhèmere, son livre et sa doctrine*, Mons, 1876. — Mannhardt. *Antike Wald- und Feldkulte*, prefacio del tomo II, Berlín, 1877. — El jesuita Cara. *Errori mitologici del professore Angelo de Gubernatis*,

plia escuela de la alegoría hubo diversas interpretaciones, sometiendo sus autores el conocimiento á la fantasía y la realidad á la convención. La tendencia *física* suponía á los mitos como alegorías de las fuerzas naturales; la *ética*, como expresiones alegóricas de cualidades morales; la *religiosa*, como emblemas de los conceptos de lo divino; y la *histórica*, como simbolismos de hechos humanos poetizados.

2.—La última interpretación de las referidas fué la más importante de las antiguas. Se conoce con el epíteto de *evemerismo*, de su autor, filósofo griego del siglo III antes de Jesucristo. El sistema de Evhemero entiende que los dioses fueron hombres, cuyos hechos se embellecieron y desnaturalizaron por la imaginación de los admiradores y relatores de épocas posteriores. No es extraño que el evemerismo se haya reproducido por los mitólogos, puesto que contiene una verdad parcial: lo que llamamos el tercer aspecto histórico de la Mitología, ó sea la introducción en los primitivos mitos divinos de elementos históricos humanos, y la mezcla del culto á los dioses con el culto á los antepasados. Del mismo modo que el pensamiento y la doctrina de Herodoto, buscando las genealogías divinas de los héroes, fundadores de ciudades y civilizadores de pueblos, responden á otra realidad, al segundo aspecto ó período histórico de la Mítica; como las tendencias físicas tienen su razón en el primer período mitológico (1).

Prato, 1883; y *Esame critico del sistema filologico e linguistico applicato alla Mitologia*, Prato, 1884.—Spencer. *Principios de Sociología*, traducción española.—Reinach. *Manuel de philologie*, tomo II, París, 1884.—Sayce. *Principes de philologie comparée*, traducción francesa, capítulo VIII, París, 1884.—Hillebrand. *Préface* á la traducción de la *Histoire de la littérature grecque* de O. Müller, París, 1886.—Lang. *Mythology*, artículo en la *Enciclopedia Británica*, tomo XVII de la 9.^a edición, Londres.—Michel. *Préface* á la traducción de la obra anterior de Lang, París, 1886. Bertrán y Bros. *Rondallística*, páginas 5 á 50, Barcelona, 1888.—Carrasco. *Mitología universal*, páginas 138 y 476, Madrid, 1864.—Sánchez Calvo. *Los nombres de los dioses*, páginas 173 á 189, Madrid, 1884.

(1) «Tras el primer período de la Mítica, referido á los tiempos genésicos ó divinos, de epopeya religiosa, en el que los hombres suben al cielo y

3.—Los neo-platónicos defendían su sentido filosófico y rechazaban las tendencias históricas y las físicas, desenvolviendo el *fisiologismo*, que veía en los mitos representaciones de las sustancias elementales y de las fuerzas abstractas de la creación. En tanto, los Padres de la Iglesia vieron en las grandes figuras míticas á los dioses del paganismo, creados por la fantasía y el error de los pueblos no evangelizados, y conservaron en parte el evemerismo, interpretando la mayoría de los personajes mitológicos como representaciones de simples mortales. Las tendencias alegóricas siguieron en el espíritu de los siglos medios, y la mayoría de los teólogos y escritores cristianos continuaron juzgando las creaciones mitológicas de la antigüedad como construcciones diabólicas que encubrían, con ropaje seductor, errores, concupiscencias, pecados, maldades. Y tras ellos la Mítica iba á entrar en períodos de gran labor, más científica.

4.—Con el renacimiento filosófico y el ardor de la fé religiosa, afirmóse en el siglo XVII un curioso aspecto de dogmatismo intelectual, en la ciencia de la Mitología. Sorprendidos los filósofos é historiadores ortodoxos con la semejanza entre los arcaicos mitos y las narraciones bíblicas, llegaron, como dice Lang, á esta conclusión: la Biblia encierra la forma pura de la revelación primitiva; los mitos constituyen la expresión de una forma corrompida. Pusieron de moda las interpretaciones hebraicas, como dice Sánchez Calvo, y en ellas trabajaron con entusiasmo Vossio, Bochart, el jesuíta Kircher, Schultze, Cudworth, el

nacen los dioses personales, y la Mitología es la misma religión y ambas la misma ciencia empírica, sigue el segundo período, referido á los tiempos heroicos, de epopeya histórica, en el que los dioses bajan á la tierra y nacen los héroes, y la mitología, y la religión, y la física, se separan con sus bases, ya distintas, de imaginación, de sentimiento y de conocimiento; y luego continúa el tercer período, de los tiempos históricos y humanos, con la doble tradición oral y escrita, en cuyo período nacen los hombres de los héroes y estamos en plena historia, según puede comprobarse en todas las antiguas cosmogonías.» —De mi folleto *Sobre el premio Caballero adjudicado al libro «La Leyenda de los infantes de Lara»*, pág. 35, Sevilla, 1897.—Véase *Historia de Caldea*, por Ragozin, traducción española, capítulo VII. Madrid, 1889.

obispo Huet, Pezron y otros (1). También hubo cultivadores del evemerismo, del neoplatonismo y del naturalismo, y aun Bayle se muestra escéptico con todos los sistemas.

5.—En el siglo XVIII se cultivaron todos los sistemas de interpretación, con crítica y principios más aceptables, con erudición más copiosa y horizontes más extensos, anunciándose ya los novísimos, merced al adelanto de las ciencias y á los descubrimientos históricos.—Figuraron muchos mitógrafos notables: Bryant, que distinguió entre la fábula y la tradición en el simbolismo mítico; el abate Banier, que explicó los mitos por el evemerismo; Durocher, que los interpretó por el hebraísmo; Boullanger, que buscó orígenes históricos; Fréret, que siguió el neo-platonismo; Noel, que interpretó la Mitología por la Moral; Berger, que lo hizo por la Física; Rabaud de Saint Etienne, por la Geografía; Court de Gébelin, como Dupuis, por la Astronomía; Heyne, Hermann y Bailly, que hacen las exposiciones mitológicas con criterio ecléctico y fundiendo sistemas; Bossio y Blackevell, que rechazan escépticamente las interpretaciones. Otros autores aumentaron la confusión con la Meteorología y la Agricultura, dieron rienda suelta á la fantasía, recurrieron á ingeniosidades, y manejaron la exégesis religiosa. Además, recordemos á Warburton, que hizo la separación de lo exotérico ó público en la religión popular, enriquecida por los poetas y compuesta de mitos, y de lo esotérico ó secreto en los misterios religiosos, conservados por los sacerdotes, y menos antropomórficos; á Vico, que vió el principio del animismo en la formación mítica, producto de la poesía y de la imaginación, y fijó el simbolismo en los tres períodos míticos, divino, heroico y humano; y á De Brosses, que, con clara intuición, marcó el totemismo mítico en la condición intelectual del hombre salvaje.

(1) «La interpretación por la fe presenta algún caso de supervivencia en nuestro tiempo todavía; y el célebre político inglés, Mr. Gladstone, es buen ejemplo de ello, creyendo y defendiendo en algunas de sus obras que las fábulas mitológicas no son más que la corrupción de misteriosas doctrinas reveladas por Dios á los patriarcas.»—Sánchez Calvo. *Los nombres de los dioses*, pág. 180, Madrid, 1884.

6.—Alcanzando ya al siglo XIX, Creuzer expuso una interpretación de los mitos y de los misterios como un sistema de enigmas y de símbolos, inclinándose del lado del filologismo; y Ótfredo Müller, del lado antropológico, llega á la Mitología científica, viendo en los mitos, según resume Sánchez Calvo, la obra de la infancia de la humanidad; el mito es producto de un acto inconsciente y necesario, el de ver el espíritu humano primitivo todas las cosas animadas y con formas concretas, como el hombre se veía á sí mismo; el mito es luego embellecido y desfigurado por la imaginación de los poetas y por las tradiciones de los pueblos; hay que buscar, pues, las formas antiguas y simples. Pero, sobre el evemerismo, el fisiologismo, el psicologismo, el eclecticismo, sobre todas las tendencias alegóricas y las naturalistas, y el sentido racional de los últimos mitógrafos citados, dentro de la realidad misma, descolló el sistema astronómico á principios de nuestro siglo. Merced á la vasta erudición y á los profundos estudios de Dupuis, como dice Gaidoz, se popularizó el sistema y consiguió muchos adeptos en toda Europa. Contra él luchó con fatiga la ortodoxia católica; y, como incurrió en errores y exageraciones, fué también objeto de la sátira chistosa, como la del folleto anónimo, ingenioso é irónico, que logró extraordinaria popularidad, cuyo fin era hacer un mito de Napoleón, con disquisiciones semejantes á las que intentaba ridiculizar (1).

7.—Posteriormente, los modernos estudios orientales, los prodigiosos descubrimientos de la Etnografía, la Filología y la Arqueología, el mayor y mejor conocimien-

(1) El folleto se intitula *Comme quoi Napoléon n'a jamais existé*, cuya edición 13.^a se hizo en París el año 1884.—En 1850 ó 52 se publicó en Sevilla otro folleto con el título *Napoléon no ha existido jamás*, anunciado en cartelones de grandes letras por las esquinas de las calles, con el nombre del autor. Era éste el reputado jurisconsulto D. Serafín Adame y Muñoz, entonces estudiante de la Universidad sevillana; el cual declaraba en el prólogo haber leído hacía años el trabajo anónimo francés, á semejanza del cual hacía el suyo, con otras originalidades. El artículo del Sr. Adame es de poco valor, ó ninguno; no tuvo éxito, y se debió á dispensable deseo de notoriedad de estudiante joven y fogoso.

to de la Antropología natural y descriptiva, las multiplicadas y analíticas investigaciones en las actuales razas salvajes, el estudio folklórico en el seno de los pueblos cultos, la reconstrucción de la evolución mental y social de la humanidad, hicieron que la Mítica cambiase sus métodos de investigación y se reconstruyera, según la misma naturaleza humana y la realidad histórica, por medio de teorías fecundas que han marchado con el movimiento acelerado de las ciencias antropológicas, psicológicas, históricas y sociales en nuestro siglo XIX. Y así como Bopp fundó la Gramática comparada de las lenguas indo-europeas, y la cultura subió considerablemente de nivel con el conocimiento de los tiempos védicos y arias y de sus grandes libros, así los mitólogos pensaron en la Mitología comparada, comenzando por la indo-europea, desenvolviéndose en breve diferentes sistemas por sabios y eminentes profesores, cuyos estudios van acompañados de multitud de trabajos especiales, hechos en todo el mundo por amantes y eruditos (1).

8.—Como dice Lang, las modernas teorías mitológicas tienen por base común la de que el pensamiento y el lenguaje han producido natural y necesariamente el extraño conjunto de las antiguas fábulas, en cuya trama hay dos elementos: uno racional, otro estúpido, salvaje y absurdo—como le llamó Max Müller—ó irracional, el cual es muy difícil de explicar y de resolver hasta hoy. El conocimiento real de los mitos y su lugar propio en la producción psicoló-

(1) Los estudios particulares y las mitologías especiales de los pueblos son resultado de una laboriosa y fecunda investigación universal, y constituyen una bibliografía abrumadora. Entre los estudios generales de mitología comparada, figuran con valor subido los siguientes:

Max Müller, *Essais sur la mythologie comparée, les traditions et les coutumes*, traducción de Perrot, París, 1873.—Gubernatis, *Zoological Mythology*, Londres, 1872; traducción francesa, París, 1874.—*Mythologie des plantes*, París, 1878.—*Mitología comparata*, Milán, 1880.—G. de Rialle, *La Mythologie comparée*, París, 1878.—Van den Gheyn, *Essais de mythologie et de philologie comparée*, Bruselas, 1885.—Lang, *La Mythologie*, traducción de Parmentier, París, 1886.—Cox, *The Mythology of the Aryan nations*, Londres, 1870.—Ménard, *La Mythologie dans l'Art ancien et moderne*, París, 1880.

gica y en la historia total humanas, es el objeto de la mitología científica, considerada como rama de la ciencia de las religiones, otra rama de la Antropología general, constituyendo su fondo, como exponen Tiele y Ploix, un capítulo de la Sociología (1). Lo difícil en ese conocimiento es, como se ha dicho, la explicación de los elementos aparentemente irracionales contenidos en los mitos: es decir, en palabras de Lang, «las historias salvajes y absurdas referentes al principio del mundo, al origen de los hombres, de los astros, de los animales, de las cosas, á las causas de la muerte; las aventuras escandalosas ó ridículas de los dioses; por qué los seres divinos se nos presentan como incestuosos, adúlteros, asesinos, ladrones, crueles, caníbales; por qué ellos toman formas de animales, y sus metamorfosis en plantas y astros; las referencias repulsivas del reino de los muertos; los descendimientos de los dioses á la mansión de los muertos y su regreso al lugar de los vivos» (2). Estos y otros problemas y materias tratande investigar rectamente las modernas teorías míticas, que se clasifican en dos escuelas, llamadas filológica y antropológica, comprendiendo cada una diferentes sistemas.

9.—La *escuela filológica* fué iniciada en Alemania por los hermanos Grimm, desenvolviéndose con Kuhn y sus discípulos, de los cuales se señalaron Schwartz, Hahn y Meyer. En Inglaterra adquiere su apogeo con Max Müller, patriarca de la escuela, que la populariza con su sabiduría, su actividad y sus brillantes cualidades de escritor; siguiéndole, entre otros, Cox, Sayce, Ralston. Con lenguaje atractivo la introduce en Francia Bréal, continuador de Müller, y sobresalen entre sus adeptos, Baudry, que se inclina al sentido ó sistema de Kuhn, Darmesteter, que se separa del centro védico ó sanscrito, y toma el centro zoroástrico ó zendo, y Brueyre. En Italia, la cultiva notablemente Gubernatis; en Bélgica, se distingue Van den Gheyn; en España, Sánchez

(1) Tiele, *Revue de l'histoire des religions* tomo XIII, página 259, año 1886.—Ch Ploix *Revue des traditions populaires*, tomo I, página 215. París 1886.

(2) Lang. *Ob. cit.*, páginas 55 y 56.

Calvo (1). Otros numerosos y distinguidos cultivadores existen en la escuela filológica, cuyos partidarios han disminuído mucho, á medida que adquiría vigor la novísima antropológica.

10.—La doctrina de Max Müller da carácter á la filológica (2). Según ella, la edad mitopéyica hay que colocarla entre el período de separación de las lenguas turanias, arias y semitas, y el de las concentraciones de las sociedades políticas con rudimentos de religión, de poesía y de leyes. En esa edad tenían grande fuerza los procedimientos de *sinonimia* ó *polionimia*, muchos nombres para una cosa, y de *homonimia*, muchas cosas con un solo nombre, según prueban los Vedas. Con el tiempo y la heterogeneidad, los biznietos de aquellos hombres védicos no pudieron distinguir siempre bien los significados y las relaciones de las expresiones tradicionales y resultaron muchas confusiones; de estas confusiones se originaron frases mal comprendidas y terminaciones genéricas de nombres, que siguieron usándose después de perder su primitiva significación, y de aquí el nacimiento de los mitos, en un estado de demencia temporal. Por tanto, el estado de pensamiento que originó los mitos resultó de una degeneración del lenguaje (3). El lenguaje es, pues, la base principal para el estudio mítico; debe restablecerse, por medio de la filología comparada, el sentido primitivo de los nombres de los dioses, cuyos

nombres designaron los fenómenos de la naturaleza, mal comprendidos en la edad mitopéyica, y de aquí los elementos salvajes y absurdos que hallamos en los mitos.

11.—Esta escuela estudió la mayoría de los mitos arias y semitas, comprendiendo en el grupo indo-europeo las mitologías india, zendá, gala, escandinava, griega y romana, y en el grupo semítico las caldea, fenicia, árabe y egipcia (1), que son los pueblos antiguos mejor conocidos en todas sus manifestaciones. Pero hizo poco en los mitos de las demás razas históricas y en los de los salvajes, aunque realizó y continúa grandes estudios de Mitología universal comparada, en el sentido filológico, prestando servicios de mucha importancia para las ciencias, que no es justo ni aun posible negar. La exageración en algunos ejemplos y muchas conclusiones, y la exclusividad de métodos y de principios, provocaron contra ella una reacción, y algunos partidarios de la antropológica extremaron sus ataques, en sentido irónico, á la mítica y la filología védicas, y aun zendas, y al método de interpretación, que en todos los simbolismos ve soles, auroras, tinieblas y tempestades, ya de procedencia india ó védica, ya de la irania ó zoroástrica, y aun de la egipcia y de la caldea. En tal sentido se publicaron algunos artículos anónimos, que se atribuyen á muy conocido mitólogo de la escuela novísima, semejantes al que se publicó contra el sistema astronómico, y de los cuales se recuerdan dos por todos los mitógrafos, que aconsejan su lectura á los que se precipitan y no son prudentes; ni tienen bastante saber para resolver de plano los problemas mitológicos.

12.—Uno de los artículos es el que se supone publicado por unos estudiantes de Dublin (2), y cuyo autor hizo, con grande ingenio y erudición, del nombre é historia de Max Müller un mito solar ariano, dedicándosele á Cox, el inteligente continuador de las doctrinas del célebre profesor de Oxford.

(1) En su obra, que tiene algo de genial, y es interesantísima dentro de su exclusivismo, *Los nombres de los dioses*, Madrid 1884.

(2) Desarrollada y propagada por el profesor de Oxford en artículos de la revista *XIX Century*, y en libros como los siguientes: *Nouvelles leçons sur la science du langage*, traducción, París, 1867.—*La science du langage* traducción, París, 1867.—*Essais sur la mythologie comparée, les traditions et les costumes*, traducción, París, 1873.—*Origin y desarrollo de la religión*, traducción, Madrid, 1897.

(3) «La expresión «estado morbozo de la lengua, ó producto patológico», como escribió Max Müller, es falsa, porque el lenguaje no puede estar enfermo; la facultad del lenguaje puede alterarse en los individuos aislados; pero cuando procede de resultados aceptados por los pueblos, emanando de creencias que tienen mucha intensidad, estos resultados no pueden ser más que de la acción normal y regular de nuestros órganos.»—Ploix, artículo bibliográfico en la *Rev. des trad. pop.*, tomo I, página 216, París, 1886.

(1) Es la división que sigue en su exposición histórica el articulista de Mitología en el *Diccionario enciclopédico Hispano-Americano*, edición de Montaner, Barcelona.

(2) *El mito solar de Oxford* (Contribución á la mitología comparada.) Dublin, 1870.

El jocoso estudio fué traducido al francés y ampliado eruditamente por Gaidoz (1), de la escuela antropológica, dedicándose al famoso mitólogo y profesor florentino, Guernatis. El otro de los artículos es el que, por igual procedimiento, hace de Gladstone un mito, que debe ser clasificado también entre los solares (2). Pero, estoy conforme con Tiele, que reconoce el valor de la escuela antropológica, y con Michel, que pertenece á ella sin reservas: las burlas ingeniosas no prueban gran cosa, y con un poco de ingenio se pueden poner en ridículo los sistemas más científicos.

13.—Interesa tener idea de dos aspectos que se destacan entre las actuales escuelas mitológicas. Por principios sociológicos sentados por Spencer, los novísimos mitólogos ven al ilustre genio enciclopédico del espíritu presente, por una parte, de acuerdo con la escuela filológica, admitiendo el descenso de la inteligencia que motivó la creencia de la personalidad de los fenómenos, si bien varias causas contribuyeron á aquellos errores del juicio, y no únicamente la enfermedad del lenguaje. De otra parte, entienden que establece nueva teoría evemerista, puesto que expone que el culto de la naturaleza y los mitos relativos á los fenómenos naturales, son una especie de transformación del culto á los antepasados y de las leyendas relativas á hombres; cuya doctrina del culto á los antepasados, seguida en el sentido de primera forma de la religión y origen mítico, combaten Réville y Lang (3).

14.—El segundo de los aspectos aludidos consiste en una dirección marcada por algunos de los mitólogos que estudian los cuentos populares, supervivencias con formas movibles del gran fondo del subjetivismo mítico (4). Sepáranse del punto de vista

antropológico-psicológico, que busca principalmente las causas y principios de los elementos novelísticos comunes en los pueblos, sin atender á los detalles y formas particulares; reclaman para sí el punto de vista histórico, tomando los productos fabricados, como dice Cosquin (1), tratando de averiguar únicamente dónde se han formado y qué formas especiales da cada pueblo á los cuentos de idéntico fondo en todos los países; y marcan el depósito común de ellos, no en el ario mítico primitivo, sino en la India búdhica, de donde se han extendido como una inundación en todas direcciones, constituyéndose, según dicen, los mismos depósitos en todas partes. Esta dirección la abrió Benfey en Alemania, siguiéndole en cierto modo Koehler, y en Francia la sostiene decididamente Cosquin.

15.—Resta hablar de la novísima *escuela antropológica*, nacida, á mi juicio, del concurso de tres movimientos analíticos de importancia para los resultados de las ciencias históricas y sociológicas: el del reciente método de indagación del espíritu de la primitiva humanidad, el del abundante conocimiento de los salvajes actuales, y el del estudio folklórico ó demótico en todos los pueblos. Iniciada en Inglaterra por el ilustre Tylor, y en los Estados Unidos por Fiske, halla su ardiente fundador y propagandista en Lang. Con la franqueza del sabio, Mannhardt desahucia sus trabajos de mítica filológica, y abraza la nueva escuela en Alemania. En Bélgica, Tiele hace concesiones á la misma escuela, y Michel sostiene la doctrina Bergaigne comenzó su exposición en Francia, y Gaidoz es otro de los profetas del nuevo sistema. En Portugal, puede considerarse al eminente Braga dentro de la escuela, y en España se une á ella Bertrán y

(1) Le cambió el título por el de *Cómo Max Müller no ha existido jamás*. En la revista de mitología *Mélusine*, tomo II, columnas 73 á 90, París, 1884 á 85.

(2) Artículo citado por Michel y publicado en *Macmillan Magazine*, Londres, Febrero de 1886.

(3) Réville. *La nouvelle théorie evemeriste de M. Herbert Spencer*: en la *Rev. de l'hist. des relig.*, 1881.—Lang. *La Mythologie*, página 51.

(4) El mito pasa al estado de leyenda, y de ésta se convierte en cuento. Max Müller lo llama «dialecto moderno de la mitología», y Grimm «el últi-

mo maravilloso resto del antiguo mito originario que circula por toda Europa; el eco de la antigua religión llevada fuera de la patria primitiva» — «El mito celebra los dioses, se eleva al cielo y cesa en su vida activa; el cuento narra los hombres, prefiere la baja tierra y adquiere frecuentemente vida robusta». — Pitré. *Delle novelle popolari*, Palermo, 1875.

(1) *L'origine des contes populaires européens et les théories de M. Lang*: memoria presentada al primer Congreso de tradiciones populares de 1889, é impresa en París, en 1891.

Bros. Ha emprendido el estudio de los mitos de todos los pueblos históricos y de todas las razas salvajes; sienta los cimientos, no de una mitología etimológica y asiática, sino de la mitología natural y universal, con su variedad de mitologías particulares; se impone ya á las demás escuelas y adquiere mayor número de prosélitos y de cultivadores: puede llegar en breve á ser cíclica y armónica.

16.—Caracteriza á esta escuela la doctrina de Lang (1). Su base es el estudio del hombre en el conjunto de sus ideas, costumbres é instituciones, siendo los mitos un producto del pensamiento. Los restos aislados de las antiguas edades (2), los hallamos en nuestras costumbres y leyes, en nuestras instituciones y ceremonias, en nuestras creencias é inclinaciones, y con la misma razón los hay en la Mitología, tan ligada con el sentimiento religioso, conservador por naturaleza. Pero, los fenómenos de lenguaje reflejan un estado correspondiente del pensamiento; y el lenguaje es una causa subordinada en el origen y desarrollo de los mitos, constituye una parte reducida de la evolución mitológica. Hay que buscar la Mitología en un estado particular del pensamiento, en relación con la vida total del sujeto, por el cual estado pasaron todas las razas. De aquí la necesidad de estudiar la condición intelectual de los salvajes actuales; sus ideas sobre el mundo y sobre las relaciones del hombre con el mundo, y sus leyes é instituciones. El elemento irracional, los hechos monstruosos de los mitos, es un legado, una supervivencia de los hombres mitopéyicos, cuya inteligencia era como la

(1) La desarrolla y propaga en artículos publicados en revistas, principalmente en la *Saturday Review*. Además, en las siguientes obras. *Introducciones* á las traducciones de los cuentos de Grimm y de Perrault, Londres, 1884 y 1888.—*Custom and Myth*, Londres, 1884.—*La Mythologie*, París, 1886, traducción del tomo XVII de la *Encyclopædia Britannica*, 9.^a edición.—*Myth, Ritual and Religion*, Londres, 1887.

(2) Braga estudia etnológicamente las herencias y atavismos en los pueblos, en sus formas de persistencias, regresiones y supervivencias. *Bases de la crítica etnológica*, págs. 3 á 25 del tomo I de *O povo português*, Lisboa, 1886.—Véase también su *Novellística geral* en el tomo I de *Contos tradicionais*, Porto.

de nuestros australianos, boschimanos ó pieles-rojas. En aquel estado, las cosas se concebían y los actos se realizaban de otro modo muy distinto al de hoy, careciendo de ideas acerca de la naturaleza de las cosas y acerca de los límites de la posibilidad. Aquellos hombres representaban á sus dioses como eran ellos mismos; los hechos que nos parecen absurdos é irracionales fueron sucesos ordinarios de la vida diaria, eran resultado de un estado de pensamiento entonces general, que hoy no se halla más que entre los salvajes y hasta cierto punto entre los niños (1); el elemento alegórico de los mitos, por otra parte, es adición de los pueblos posteriores que se elevaban á ideas más puras acerca de la divinidad. Por esto, mejor que concebir un centro mítico único, que irradia en todos sentidos, la difusión mítica se explica por el estado del espíritu humano primitivo, que en todas partes produce mitos, como armas de piedra ó vasijas de arcilla, con las diferencias naturales y con las influencias históricas de razas y pueblos entre sí. Existe la trasmisión de pueblo á pueblo, y también la identidad de la imaginación humana que, en todos los lugares, produce espontáneamente fábulas semejantes.

17.—Además, como dice Bréal (2), y acepta Gaidoz, «la Mitología comparada no tiene por objeto buscar en las Religiones de todos los pueblos las creencias que les sean comunes: este útil estudio debe ser reservado á la Filosofía. La Mitología es ante todo una ciencia histórica, y lo que se propone observar es el origen y el desarrollo de las concepciones religiosas, y no su mayor ó menor semejanza. Dirigida según este principio, la Mitología comparada no debe extender sus investigaciones más allá de las creencias de una raza; porque ella descarta, como una hipótesis, que es imposible pro-

(1) El animismo ó personalismo, animación de los fenómenos y objetos naturales con espíritu semejante y hechos iguales á los humanos, es la condición de toda mitología que, en los hombres primitivos, como en los salvajes todos, es al mismo tiempo ciencia, en su aspecto de averiguar, y religión, en el de temer.—(Esta idea se desenvuelve en el capítulo de la *Génesis de los mitos*.)

(2) *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*, pág. 155, París, 1878.

bar, la idea de una religión primordial común para todos los pueblos. Si, no obstante, halla en otra raza términos evidentes de creencias idénticas, la Mitología comparada debe averiguar si es ó no esa identidad un préstamo, ó influencia transmitida de una á otra religión.» «La ciencia de la Mitología, dice Lang (1), debe dar cuenta, si puede, no solamente de la existencia de ciertas historias en las leyendas de ciertas razas, sino de la existencia de historias esencialmente las mismas en todas las razas.»

18.—La escuela antropológica, pues, está en camino de la armonía de los conocimientos en la ciencia de la Mítica, siendo un principio reconocido por todos que lo demostrado y afirmado por cualquier sistema es siempre una verdad del sistema común. Ploix, que sienta los tres medios que el mitólogo necesita poseer para la resolución de las cuestiones mitológicas—la Fisiología, la Filología y la Psicología—expresa el deseo del sentido recto y general, diciendo que los partidarios de las diferentes escuelas en Mitología deben ponerse de acuerdo, y consagrar á la solución de los problemas las fuerzas que gastan en combatirse (2). Este sentido, en apariencia ecléctico, sano y real, dará en breve á la escuela antropológica la victoria completa en los resultados de la Mitología comparada, rama de la Ciencia de las Religiones, parte de la Sociología, cuya materia, que en su desenvolvimiento es una parte de la Historia Univer-

(1) *La Mythologie*, págs. 59 y 60.

(2) La controversia se ha sostenido en los libros anteriormente citados, y en muchos artículos y estudios como los siguientes: Réville. «La nueva teoría evemerista de Spencer», en la *Rev. de l'hist. des Relig.*, tomo VIII, 1881.—Réville. «Complejidad de los mitos y leyendas, con motivo de las controversias sobre el método en Mitología comparada», en la *Rev. de l'hist. des Relig.*, tomo XIII, págs. 170 y siguientes, 1886.—Gaidoz. «Mitología comparada», en *Mélusine*, tomo II, págs. 79 e 99, 1884.—Max Müller. «Mitología comparada», en la *Revue Germanique*, tomos II y III, 1858.—Tiele. «Crítica Mitológica», en *Rev. hist. Relig.*, tomo XIII, págs. 258 y siguientes.—Gittée. «Juicio acerca de la teoría antropológica», en *Revue de Belgique*, Bruselas, 1886.—Ploix. «Crítica bibliográfica de la Mitología de Lang», en *Rev. des trad. populaires*, tomo I, págs. 214 á 218, París, 1886.—Lang. «Respuesta á Ploix», en *Rev. hist. Relig.*, tomo XIII, págs. 195 á 214.—Etc.

sal, exige ser también expuesta en historia constructiva, que es muy difícil de hacer, y hoy apenas trazadas sus líneas. Hay relativa abundancia de trabajos especiales, y Lang hará con todos sus trabajos una obra completa de Mitología Antropológica.

LOS ESTUDIOS SOCIOLÓGICOS EN ESPAÑA

por D. Adolfo Posada, C. A.

Profesor en la Universidad de Oviedo (1).

I

ANTECEDENTES

Los estudios sociales, si no en el sentido positivo, realista y objetivo con que suelen hacerse hoy los que constituyen la literatura *sociológica*, á lo menos con un sentido tendencioso de crítica de la condición humana, de reforma de la vida económica, tienen en España antiguo y noble abolengo. Precisamente no ha mucho se publicaba un libro, debido á uno de los sociólogos españoles más eminentes, de erudición más sólida y de más pujanza, que pone tal abolengo, bien de manifiesto, y con pruebas y ejecutorias de indiscutible verdad. El libro á que me refiero titúlase de este modo: *Colectivismo agrario en España: Doctrinas y hechos*, escrito por D. Joaquín Costa (2), autor de otros trabajos que luego he de citar, y director entusiasta y activísimo de las investigaciones que, debidas á su iniciativa, se hacen por muchos acerca del derecho consuetudinario regional. Ahora bien; en este libro, cuyos datos van á servirnos para comenzar este estudio, nos encontramos con todo un capítulo interesantísimo, cuyo título es como sigue: *Orígenes de la sociología en España* (3). Refiérese el Sr. Costa al siglo XVI, «aquel siglo por excelencia español, en que nuestra nación cerraba con llave de oro la Edad Media y abría la Moderna, siendo el gerente y portaestandarte de la civilización arya por todo el pla-

(1) Trabajo publicado, con leves variantes, en la *Rivista italiana di sociologia*.—(N. de la D.)

(2) Un vol. de 607 págs. Madrid, 1898.—Sobre este libro, v. el art. *El colectivismo agrario del Sr. Costa*, en el BOLETÍN núm. 470.

(3) Pág. 27.

neta... La Geografía comparada y la Geografía física, la Gramática general y la Pedagogía, el Método filosófico, la Jurisprudencia romana, el Derecho natural y de gentes, la teoría de la soberanía popular y la de las fuentes del Derecho, la Antropología, la Ciencia penitenciaria, la Numismática, disciplinas son cuya primera raíz brotó aquí en aquella hora luminosa de nuestra historia... La Filosofía del Derecho, por no citar sino una, y con mayor especialidad la Ciencia del Estado y del Derecho internacional, van asociadas en su infancia á egregios nombres españoles: Victoria, Soto, Mariana, Ayala, Suárez, reconocidos y saludados, unos como precursores, como fundadores otros, por cuantos se han dedicado á escudriñar la historia del desenvolvimiento de las ideas en este orden (1)...» Y añade luego, razonadamente, el Sr. Costa: «habiendo sido España iniciadora tan alentada en la esfera de las disciplinas jurídicas, no podían faltarle blasones en ramo tan afine como la *Ciencia social* (2).»

«La sociología española, en cuanto se refiere al origen, fundamento y objeto de la sociedad humana, á su relación con la Naturaleza útil, esto es, á su cimiento físico, á la solidaridad, necesaria ó voluntaria, entre los asociados, á la dirección y gobierno de su actividad, á la conexión del organismo social con sus órganos y de los fines sociales entre sí, tiene su punto de partida en el libro *De subventionem Fauperum, sive de Humanis necessitatibus, libri II*, con alguna parte del *De Causis corruptarum artium*, de Juan Luis Vives, y en el *De Rege et Regis institutione*, del P. Mariana...» (3) Naturalmente, no se trata en uno ni en otro caso de exposiciones sistemáticas de la Sociología, tal cual hoy se escribe ésta, y tal cual, v. gr., se ha intentado por Comte, Spencer, Schäffle; no lo permitían las circunstancias; eran tiempos aquellos anteriores á los grandes progresos científicos, que han preparado con el advenimiento de los métodos positivos, y las arriesgadas síntesis del idea-

lismo filosófico de los Hegel, Schelling, Fichte, Krause, Herder y tantos otros; las tentativas de los sociólogos citados y de cuantos, siguiendo sus inspiraciones ó remontando por caminos nuevos, como Tarde, De Greef, Durkheim, Barth, Mackenzie, Giddings, Ward, Vaccaro, Vanni, etc., etc., han querido reducir á unidad métrica la ciencia de las sociedades. Pero, como advierte el Sr. Costa, encierran aquellas obras de Vives y de Mariana, como de otro autor anterior (1521) Fray Alonso de Castrillo (1), «intuiciones genialísimas... vislumbres, y anticipaciones llenas de provechosa sugestión, en que puede decirse que late el problema entero de la Sociología...» (2) De un lado, Vives nos legó «un esbozo diminuto de sociedad ideal;» de otro, Mariana «desciende á las realidades prácticas de su tiempo é inquiere la manera de someterlas á la razón por la acción exterior social» (3).

Y no son Vives y Mariana, con Castrillo, los únicos sociólogos que pueden citarse en los siglos anteriores al presente en España. El erudito libro del Sr. Costa registra muchos nombres (4) y anota infinidad de documentos que acreditan cómo los problemas sociales han sido objeto de preferente estudio entre nuestros abuelos. De un lado, el descubrimiento de América y la necesidad de atender administrativamente al conocimiento y cuidado de aquellas tierras provocaron interesantes indagaciones sobre la condición social de los aborígenes, muy sugestivas para buzar en el intrincado problema de la organización de las sociedades. De otro, la contemplación misma de nuestra situación económica determinó cierto movimiento científico de crítica y reconstitución de las costumbres. Los nombres de Polo de Ondegardo, Josef de Acosta, el autor de la *Historia natural y moral de las In-*

(1) Pág. 27.

(2) Pág. 28.

(3) Idem.

(1) Autor de un *Tratado de República*. (Burgos, 1521.)

(2) Idem, pág. 29.

(3) Idem, pág. 29.

(4) No ha de tomarse lo que se dice en el texto como intento de fijar los antecedentes de la ciencia social en España. Se inserta una cita de la obra de Costa, sin desconocer la existencia de otros trabajos anteriores, como los de Menéndez Pelayo, Hinojosa, etc.

dias (1590), Pedro de Valencia (¿1600?), González de Cellorigo (1600), López de Daza (1618), Caxa de Leruele (1631), Mata (1656), Aranda (1766), Campomanes (1773), Olavide, Jovellanos (1771-1785), Martínez Marina (principios de este siglo) y muchos otros, representan, por modo muy diverso, es verdad, y con suerte muy varia, el movimiento social y sociológico español á que nos referimos.

No se conocen aún con la suficiente profundidad, extensión y detalle todas las fuerzas necesarias para poder apreciar en su verdadero valor el alcance y los caracteres propios del cultivo de las cuestiones sociales por aquellos tiempos. El Sr. Costa, probablemente la autoridad hoy más alta en esta materia, lo reconoce así, y lo lamenta. Pero si con los datos que hoy se tienen, cabe por una parte afirmar la fecundidad sociológica del genio español en los siglos XVI á comienzos del XIX, y hasta quizá se pueden marcar ciertos caracteres distintivos que servirán para hablar en su día de una escuela *social* (no quizá *sociológica*) española, fuertemente inclinada al colectivismo agrario y llena á veces de atrevimientos que dejan muy atrás á egregios innovadores modernos (v. gr., George y Wallace), es lo cierto, por otra, que el cultivo realista de la sociedad como objeto de conocimiento, no siempre tuvo la necesaria pujanza, ni contribuyó constantemente á condicionar el movimiento sociológico universal. Sintetizando su juicio el Sr. Costa sobre los pensadores españoles cuyas doctrinas expone en su libro, hace las siguientes atinadas consideraciones: «En ellas—fuera de los iniciadores y de alguna otra muy marcada personalidad—el pensamiento corre de ordinario servilmente arrojado á los hechos, no siendo, por punto general, sus conclusiones otra cosa que una interpretación más ó menos libre y retocada de tal ó cual práctica... *Acaso sea debido á esto el que la Sociología española se haya mantenido encerrada en los límites de un modesto colectivismo agrario; en todo caso, es lo cierto que el desenvolvimiento no ha correspondido, hasta hoy, á la robustez y buena dirección con que se inauguró en Vives y Juan de Maria-*

na. Incubados al calor de su doctrina social los gérmenes que sembraron González de Cellorigo, Martínez de Mata, Osorio y algunos otros... habrían podido desembocar, siglos adelante, en un Lasalle, un Ketteler, en un Marx ó en Schäffle...» (1)

Sin embargo, aun cuando el juicio del Sr. Costa sea completamente fundado, conviene notar que la corriente sociológica del pensamiento español siguió, con la modestia propia de nación que políticamente decayera tanto, por los caminos por donde iba á la sazón la ciencia social en Europa, teniendo representantes en la disciplina social más de moda en los comienzos é iniciaciones de los estudios sociológicos modernos, de tan alta importancia como el *economista* Flórez Estrada (2). Flórez Estrada, escritor elocuente, pensador hondo é independiente, original á ratos, sincero, erudito, de empuje en sus concepciones económicas, hasta el punto de haberse adelantado á George y á Wallace; conocido por los cultivadores más eminentes de la ciencia económica de su tiempo; colocado por Blanqui cerca de los grandes maestros Smith, Ricardo, Sismondi, resume bien y personifica noblemente el movimiento sociológico, en su aspecto económico, en España, en el primer tercio del presente siglo. «No escribió, dice el profesor de Oviedo Sr. Buylla, Flórez Estrada múltiples tratados; pero en cambio los que llevan su nombre revelan todos ellos sólida instrucción, privilegiado talento, profundidad y rectitud de criterio... Así ha podido decir de él M. Blanqui (3) que fué metódico como Say, social como Sismondi, algebrista como Ricardo, experimental como A. Smith; cualidades todas que se revelan particularmente en su *Curso de Economía política*, obra de tanta importancia y nombradía, que mereció ser traducida al francés por M. L. Galibert, y alcanzó hasta seis ediciones, publicada la primera en Londres en 1828, y en Madrid la última, en 1846 (4).» «En el *Curso de Economía política* de Flórez Estra-

(1) Ob. cit., pág. 244-45.

(2) Costa, obra cit., pág. 13 y sig.

(3) *Historia de la Economía política*, pág. 387.

(4) Buylla: *Flórez Estrada*, p. 4 (Madrid, 1885).

da, escribe el economista Sr. Pedregal, se refuta la doctrina referente al trabajo productivo é improductivo, hasta entonces sostenida por Smith, Ricardo y Say, los cuales tenían por improductivo el trabajo del abogado, del médico... Eran tan exactas sus ideas respecto de la producción, que le asignó como carácter fundamental la modificación de la materia, su traslación de un lugar á otro, la creación de utilidad, el valor que se da á las cosas, en fin, la prestación de servicios: doctrina que quince años más tarde expuso Dunoyer, á quien se atribuyó el éxito del descubrimiento, cuando en el libro de Flórez Estrada consignada quedó, con menos extensión, pero con tanta ó mayor lucidez (1).» En cuanto al radicalismo y novedad de sus ideas, basta indicar, como ya arriba queda hecho, que sostuvo opiniones y conceptos que hoy se estiman como de los más acentuados. Según advierte el mismo Pedregal, «Flórez Estrada fué siempre enemigo de la propiedad territorial, y ha consignado en sus escritos que *la apropiación de la tierra no es conciliable con las bases de la sociedad* (2); añadiendo el Sr. Costa que en su opúsculo *La cuestión social* desarrollaba una tesis análoga á la de Henry George sobre la propiedad territorial, y sacando de ella la misma consecuencia: *la nacionalización del suelo* (3).»

II

LOS ECONOMISTAS

La índole y propósito de este trabajo nos impiden seguir paso á paso el desenvolvimiento de los estudios sociológicos durante todo el presente siglo, y á partir de la significación que tienen los trabajos en muchos respectos iniciales de Jovellanos (4), Campomanes (5), Martínez Marina (6) y del citado Flórez Estrada. Rapidísimo, y por necesidad incompleto, tiene que ser el bos-

quejo. Desde luego, conocido es lo accidentado que el desarrollo de la vida política ha sido en España, y cuánto han influido en sus comienzos, y posteriormente en toda nuestra cultura de ese orden, factores tan complejos como las doctrinas de la revolución francesa y ciertas manifestaciones de la literatura política inglesa. Mas prescindiendo de muchísimos elementos y de infinidad de detalles, y fijándonos tan sólo en lo que más nos puede importar para nuestro objeto, conviene, por de pronto, señalar dos hechos bien notorios y de una alta significación; hechos que de manera directa han influido en el modo, tendencias y carácter del actual desenvolvimiento de la Sociología, en sí y en sus determinaciones especiales. Esos dos hechos son: 1.º, el gran aprecio y extraordinario desarrollo que ha alcanzado entre nosotros el estudio de la Economía política; y 2.º, el renacimiento filosófico que inspiró entre nosotros lo que se ha llamado y aún se llama el *krausismo*.

La significación que desde el punto de vista sociológico tiene en todas partes el cultivo de los estudios económicos, no creo que es fácil desconocerla. Advierte atinadamente el insigne sociólogo Sr. Asturaro, que es preciso reconocer «que en los trabajos de los economistas de todos los países y en las admirables investigaciones de la escuela inglesa (que es, añadiré yo, la que más ha influido en España) acerca de los sentimientos sociales y morales... hay verdaderos estudios científicos de Sociología (1).» Ahora bien: en España ha habido muchos, y algunos muy importantes, economistas. Baste recordar los nombres de Canga Argüelles, Queipo de Llano, Santoro, Espinosa, La Sagra, Paso, Valle, Borrego, Colmeiro, Carballo, Pastor, Oliván (2), autores los más de tratados mas ó menos sistemáticos de Economía política. Y no sólo esto; la importancia alcanzada por los estudios económicos en España revélase de un modo manifiesto en la interesante monografía del profesor paraguayo Sr. Olascoaga acerca del *Estado actual de los estudios*

(1) Pedregal: *Flórez Estrada*, en la obra, *La España del siglo XIX*. III, pág. 204.

(2) Ob. cit., pág. 208.

(3) Ob. cit., pág. 13.

(4) *Informe sobre la ley agraria*.

(5) Varias memorias é informes.

(6) *Teoría de las Cortes*.

(1) *La sociología*, p. 90.

(2) Olascoaga, ob. citada arriba, p. 21.

económicos en España. En primer término, cita la brillantísima representación que entre nosotros ha tenido la escuela industrialista é individualista. En ella figura Carballo, con su *Curso de Economía política* (1855-56); Colmeiro, autor de los *Principios de Economía política* (1859), y de una *Historia de la Economía política en España* (1863); Madrazo, que escribió unas *Lecciones de Economía política* (1874-76); Carreras, autor del *Tratado didáctico de Economía política* (1865) y de una *Philosophie de la science économique* (1881); Sanromá, gran propagandista, autor de la *Política del taller*; Pérez Pujol, insigne historiador, de quien luego he de hablar, con su *Cuestión social en Valencia*; Rodríguez, orador insigne, autor de *El socialismo de la cátedra*, de *El concepto de la Economía*, de *La reacción proteccionista*, etc.; Pedregal, exministro de Hacienda y autor de *Las sociedades cooperativas*, *D. Alvaro Flórez Estrada*, *El partido obrero*, etc.; Figuerola, exministro también de Hacienda de la Revolución; Moret, uno de los más brillantes oradores españoles, etc., etc. (1).

Pero no tuvo sólo esta representación la Economía política entre nosotros. Ya paralelamente con el desarrollo de la escuela ortodoxa, ya posteriormente á su mayor florecimiento, pueden señalarse otras manifestaciones científicas, unas economistas puras, pero no pocas jurídico-económicas y económico-sociológicas. Por de pronto, en la que se ha llamado escuela *católica*, y que es muy discutible que así pueda llamarse, ya que dentro de la doctrina católica ortodoxa caben desde el individualismo hasta el socialismo más ó menos acentuado, como puede verse en el libro del Sr. Nitti (2), existen algunos economistas; v. gr., R. de La Sagra, autor de unas *Lecciones de Economía social* (1840), impugnador de Flórez Estrada, amigo de Collins, y sobre el cual escribió el vizconde Alban de Villeneuve Bargemont

(1) V. Olascoaga, ob. cit., pág. 30-31. — Piernas, *Introd. al estudio de la ciencia económica*, páginas 78 y 94.

(2) *El socialismo católico*. Dice el Sr. Piernas (ob. cit., p. 102, nota), que como hace notar Cawés, muchos escritores católicos son individualistas, pero otros, como Ott. Manning, etc., inclínanse al socialismo.

un interesante estudio (1); el cardenal González, en su trabajo *La Economía política y el Cristianismo* (1873); el cardenal Sancha, autor de *La cuestión social*. El Sr. Olascoaga cita, con ciertas y muy fundadas reservas, al Sr. Cánovas del Castillo, que ni fué un economista, en el verdadero sentido de la palabra, ni puede estimarse que se caracterizase por otras señales que por las de un impenitente doctrinarismo. También cita al Sr. Sanz Escartín, de quien hablaré luego, así como debió citar al Sr. D. J. M. Orti y Lara, filósofo eminentemente católico y muy distinguido; en rigor acaso el pensador católico más ilustre, y de más sana y sincera intención científica dentro de sus creencias.

Fuera de estas dos corrientes, en las diversas direcciones, no bien clasificadas hasta ahora, de la Economía política, es donde tiene hoy España los cultivadores más numerosos y más distinguidos de los estudios económicos. Limitarémonos casi á citar nombres, porque los más importantes de ellos tienen mayor significación, que como economistas, como sociólogos; representando algunos el sentido sociológico en la economía, tal cual en la actualidad se entiende en España. La escuela socialista no tiene aquí una alta representación teórica y científica, aun cuando pensadores de primera fila se inclinan á muchas de sus soluciones; el socialismo entre nosotros tiene más importancia como partido político, siendo su jefe el propagandista Pablo Iglesias. Quien desee, por lo demás, ver al detalle el desarrollo del *Socialismo en España*, puede leer el trabajo del Sr. Buylla acerca de ese tema, publicado en *La Riforma sociale* del Sr. Nitti (Enero de 1896).

Otra escuela que no es precisamente socialista, ni tampoco individualista, ni meramente *crítica*, ni de carácter filosófico, abstracto, ni tampoco realista é histórica, es la que en la actualidad cuenta más cultivadores en España. El Sr. Olascoaga la denomina *Escuela nueva* y la define por su carácter contemporizador, aunque en algunos de sus representantes quepa señalar ideas muy ra-

(1) Publicado en el *Journal des économistes*, Marzo, 1844.

dicales. Quizá con mejor fortuna la ha llamado el Sr. Piernas *Escuela armónica*, porque no se trata ni de un puro colectivismo, ni de un doctrinarismo formalista é infecundo, viendo dicho economista representaciones análogas á las de esta escuela en otros países, v, gr. en Cairnes, Dameth, Gide, Luzzati, Rabbeno, Cossa, Cohn, Brentano, Clark, Giddings, etc. Por mi parte, estimo que esta doctrina, que por lo que toca á España no puede considerarse como cerrada y sistemática, es una doctrina de cierta originalidad proveniente: 1.º, del abolengo individualista dominante en la enseñanza de la Economía; 2.º, del influjo del espíritu filosófico krausista que predomina en la formación de la mayoría de los representantes de la misma. Y así ocurre que esta tendencia nueva se caracteriza quizá por las siguientes notas: 1.ª, un amor persistente por la iniciativa individual, condicionada por la efectividad de las libertades políticas; 2.ª, una posición crítica, no definitiva y cerrada, ante el problema de los principios económicos; 3.ª, una negación del exclusivismo económico como manera de considerar al problema social; 4.ª, un predominio en todas sus consideraciones del aspecto ético de la vida humana; 5.ª, una protesta contra el sentido abstracto del individualismo... Naturalmente, no en todos los representantes de esta tendencia se revelan con igual fuerza todas las indicadas notas, pero sí en los más principales. Al historiarla el Sr. Piernas, economista armónico muy reputado, coloca en ella, sólo á los señores Giner de los Ríos (D. J. Luis), autor de unas *Lecciones abreviadas de Economía*; Giner de los Ríos (D. Francisco), Azcárate y Costa (de todos se hablará luego); clasificando en otro grupo, como simpático al movimiento del *socialismo en la cátedra*, al Sr. Buylla, de quien se tratará después, y al Sr. Alas, insigne literato, gran filósofo y autor de un *Programa razonado de Economía y Estadística* (1882). Pero estoy en este punto más conforme con el señor Olascoaga, que estima que todos los autores citados, y el propio Sr. Piernas, deben considerarse como representantes de la *nueva escuela* ó tendencia. Realmente, todos ellos

tienen un abolengo filosófico análogo; todos se preocupan con análogo criterio en las cuestiones sociales, más que económicas; todos propenden al socialismo, sin las trabas que supone la fórmula marxista; todos dan importancia suprema al factor moral, y todos militan en las avanzadas de las fuerzas científicas que procuran regenerar á España.

De todos ellos, sin embargo, el más genuinamente economista es el Sr. Piernas. Los demás, salvo quizá el Sr. Buylla, que tiene otra significación (como ya se verá), son sociólogos que se han ocupado en los problemas económicos. El Sr. Piernas, profesor primero en Oviedo, luego en Zaragoza y por fin en Madrid, es uno de los que más han trabajado, y con buen fruto, en la renovación modernista de los conceptos de la economía clásica. Es autor de un *Tratado de Hacienda pública* (el mejor que hoy tenemos en España); de un *Vocabulario de la Economía*; de un *Tratado de Estadística*; de una *Introducción al estudio de la ciencia económica* (1895); y tiene hoy en publicación los *Principios elementales de la ciencia económica* (1897). Además, ha publicado un volumen de *Estudios económicos* y una muy interesante y completa monografía acerca del *Movimiento cooperativo*. El Sr. Piernas es colaborador de la *Revue d'Economie politique*, de M. Gide, cuyo sentido estimo le es muy simpático; en cuanto á sus ideas, no puedo pararme á exponerlas con el detenimiento que se merecen. Para orientar al lector, limitareme á copiar algunas indicaciones, quizá fundamentales. He aquí cómo define el Sr. Piernas la Economía (1): «ciencia del orden de relaciones que la actividad establece con la Naturaleza y con nuestros semejantes para conseguir los medios materiales que reclaman las necesidades de la vida humana». Para el Sr. Piernas, la vida económica constituye, no más que una fase ó aspecto de la existencia del hombre (2). Frente á las encontradas corrientes de las escuelas económicas, el economista español se declara expresamente partidario de la

(1) *Introd.*, p. 19.

(2) *Princip.*, p. 109.

nueva escuela. No es partidario del socialismo de la cátedra, pero entiende las leyes naturales de modo distinto á como las entienden los individualistas modernos; por otro lado, es un gran entusiasta y defensor del movimiento *cooperativo*.

III

EL MOVIMIENTO FILOSÓFICO

EL KRAUSISMO

El otro hecho á que antes me he referido es el renacimiento filosófico provocado por lo que se ha llamado y aún se llama el *krausismo*. La iniciación de este renacimiento, tanto en lo que tiene de positivo como en lo que á manera de protesta se ha hecho por la escuela católica, está en las enseñanzas de un sabio pensador, Sanz del Río, que, comisionado en 1843 por el Gobierno español para estudiar el movimiento filosófico en Alemania, expuso y amplió, con puntos de vista originales, el sistema metafísico de Krause. Lo que se ha dado en llamar *krausismo* es el grupo de doctrinas mantenidas por aquel ilustre maestro y por el núcleo numeroso de sus discípulos más ó menos personales, que han llegado á formar algo así como el ejército intelectual de la Revolución española, como que figuran en él Salmerón, Ruiz de Quevedo, Azcárate, Fernando de Castro, Federico y J. de Castro, Tapia, Moret, F. Canalejas, los Giner, Ríos Portilla, Sales y Ferré, Uña, González Serrano, Alas, Buylla, Soler, Linares, Arés, Romero de Castilla, Sama, Cossío, Sela, A. Calderón... en suma, muchos de los principales representantes del pensamiento científico de la moderna España. En un principio, tuvo el krausismo ciertos caracteres de escuela cerrada, con sus dogmatismos definidos; pero pronto formó, más que nada, una corriente filosófica y educativa, de índole expansiva y variedad de fórmulas. (1) Es de advertir que la enseñanza directa del pensamiento de Krause la han re-

(1) «Se dice en España un krausista, como antiguamente en Roma se decía un estoico, dando á esta palabra el significado de una virtud elevada hasta el puritanismo» (G. Compayré: *Etudes sur l'enseignement et sur l'éducation*, p. 16, París, 1891.)

cibido pocos: el influjo de éste en la masa general de los pensadores se ha efectuado á través de Sanz del Río, Salmerón, Castro, Giner, y en gran medida, merced á los trabajos de los discípulos de Krause: Ahrens, Tiberghien y Röder: sobre todo los dos primeros.

Al lado del movimiento krausista y de sus derivaciones, se ha manifestado, independiente de él ó en acción de protesta, el de las escuelas católicas: de ahí que, para completar este renacimiento filosófico, es preciso citar en España, fuera del krausismo, los trabajos de Balmes, Donoso, el cardenal González, Orti y Lara, Gil y Robles, Menéndez Pelayo, Mendive, Hinojosa, Urrabura, y otros. Conviene además advertir que se produjo en España, coetáneamente con el krausismo, cierto influjo hegeliano (Castelar, Alvarez de los Corrales, Fernández y González, Fabié, Montoro), y posteriormente cierto influjo neokantiano y positivista (Revilla, Perojo, Simarro), habiendo ejercido no pequeña acción en determinadas esferas la escuela histórica (véase Durán y Bas, por ejemplo); y aún mas, la luminosa aspiración espiritualista cristiana, y al propio tiempo tolerante y progresiva que, como nadie, representa Moreno Nieto, con sus inolvidables campañas en el Ateneo de Madrid.

Recogiendo ahora las manifestaciones más numerosas que, bajo la acción de la doctrina de Krause y luego de los krausopositivistas y krausoespañolas, se han producido con respecto á las ciencias sociales, es necesario citar ante todo la obra filosófica del propio Sanz del Río. No publicó muchos libros el inmortal maestro: su acción fué más bien personal, como profesor público y privado; fué además una acción educativa, impuesta por una vida ejemplar, modelo de sinceridad científica, de honradez y de moralidad. Pero entre pocas obras que ha dejado, figura una de alto alcance sociológico, no en el sentido positivo, sino más bien en un sentido idealista y metafísico, pero preñada de intuiciones geniales; me refiero á la refundición española del libro de Krause *El Ideal de la Humanidad*, en el cual se hallan, como en un germen, to-

dos los supuestos y todas las consecuencias de la *doctrina orgánica de la Sociedad y del Estado*. El influjo de este libro y de las ideas que implica, revélase fuera de España en Ahrens, Mohl y cuantos han difundido esa doctrina orgánica en España revéla e en las enseñanzas jurídicas del Sr. Giner y en toda la literatura política moderna más importante.

Fuera de éstos, el renacimiento filosófico provocado por el krausismo, unido á las diferentes concausas á que antes hemos aludido, ha manifestado principalmente en las siguientes esferas: 1.^a, en el derecho, y sobre todo en la filosofía del derecho y en el derecho y ciencia penales; 2.^a, en la economía, como ya hemos visto; 3.^a, en la historia, y 4.^a, en la pedagogía.

No es posible exponer aquí toda la literatura, y de un valor, claro es, muy desigual, que acerca de estas materias se ha producido. En la filosofía del derecho, ya predominando el sentido krausista ó del Sr. Giner, ya el neoescolástico, ya otros, se han escrito muy numerosos tratados de *Prolegómenos del derecho*, de *Derecho natural* y de *Filosofía del derecho*, v. gr., los de los Sres. Laserna, Alvarez (D. Cirilo), Serrano (Nicolás), Fernández Elías, Crehuet, Miralles, Alonso Eguílaz, Pisa Pajares... Los más importantes son, sin duda, los de Giner y Calderón (*Principios de derecho natural* y *Resumen de Filosofía del derecho*) y Orti y Lara (*Introducción al estudio del derecho* y *Principios de derecho natural*). En el derecho y ciencia penal, ha habido en España muy importantes manifestaciones, bajo el predominio, ya de la escuela ecléctica, ya (y principalmente) de la escuela correccionalista (sobre todo, de Röder), ya de la escuela positivista italiana y de la sociología. Pueden citarse como obras de alto interés: Pacheco, *Lecciones de derecho penal* (jurisconsulto muy notable); Silvela, *El derecho penal estudiado en principios y en la legislación vigente en España*; Concepción Arenal, varias obras de que luego hablaremos; Aramburu, *La nueva ciencia penal* (crítica muy celebrada de las doctrinas de Lombroso, Garofalo y Ferri); Armengol y Cornet, *Ensayo de un estudio de derecho penal* y *La reincidencia*; Silió, *La crisis*

del derecho penal; Salillas, *La vida penal en España*, *La antropología en el derecho penal* y sobre todo *El delincuente español* (I. *El lenguaje*; II. *La hampa*), que es un estudio psicológico y sociológico, originalísimo, de gran importancia, y que hace del Sr. Salillas uno de los penalistas (no juristas) de más empuje de España; Dorado, de cuyas obras y significación hablaré luego; con más, otros trabajos de Romero Girón, Vida, Lastres, Rueda, Valdés Rubio, Morote, Bernaldo de Quirós, Gil Maestre, etc., etc. En la historia, sería necesario hacer larga lista si hubiera de dar noticia completa de las publicaciones históricas, más ó menos importantes y más ó menos impregnadas del espíritu positivo y sociológico. Pueden consultarse á este propósito las indicaciones que contienen los libros del Sr. Altamira: *La enseñanza de la historia* (1895), *De Historia y arte* (1898), así como sus revistas anuales escritas para la *Revue historique*, de M. Monod (París). Merece en este respecto especial mención el interés que ha despertado entre nosotros la propiedad, ya como institución económica, ya como institución jurídica, y siempre en virtud de su valor social; tres obras capitales se han escrito acerca de este tema: la de Cárdenas, *Ensayo sobre la historia de propiedad territorial en España* (dos tomos, Madrid, 1895); la de Azcárate, *Ensayo sobre la historia del derecho de propiedad* (tres tomos, Madrid, 1879-83), y la de Altamira, *Historia de la propiedad comunal* (un tomo, Madrid, 1890). También se ha trabajado mucho en historia regional y local, especialmente en Cataluña, y aun en Galicia, y algo en Asturias. Por lo demás, entre las obras históricas que recogen el influjo de las modernas concepciones, ó que tienen, por el carácter de su objeto cierta importancia sociológica, deben citarse: Maranges, *Estudios jurídicos*; Hinojosa, *Historia general del derecho español*; Costa, *El colectivismo agrario en España*, y la monumental *Historia de las instituciones políticas y sociales de la España goda*, del insigne maestro Pérez Pujol. Podrían añadirse algunos trabajos históricos de Menéndez Pelayo, Durán y Bas, Berlanga, Ureña, Sales y Ferré, Tramoyeres, Pella, Oliver, Luanco.

En la pedagogía, no importa tanto el movimiento que pudiéramos llamar bibliográfico, con ser relativamente rico, como el efectuado positivamente en la vida y práctica de la enseñanza, y en cierta orientación hacia una reforma radical de la educación nacional. En este punto es donde el llamado krausismo se ha manifestado más potente y fecundo. Débese esto, de un lado, al carácter docente y de trascendencia práctica de la filosofía krausista, y al propio modo de ser de su fundador en España, Sanz del Río. Además, débese á la circunstancia de haberse reclutado la mayoría de los adeptos á las ideas de este filósofo en el profesorado público. Las manifestaciones literarias del movimiento pedagógico vivas están en los trabajos del mismo Sanz del Río, de Fernando de Castro, Giner, Sardá, Sales, Sela, Cossío, Labra, Sama, González Serrano, Altamira y muchísimos otros, pudiendo estudiarse bien el movimiento pedagógico de estas tendencias en este BOLETÍN por lo que respecta á los últimos veinte años. La acción práctica de la pedagogía á que me refiero, manifiéstase de un modo general en la introducción del espíritu de reforma que se advierte en los procedimientos de algunos centros de enseñanza superior, y de un modo más concreto en la creación de dos instituciones docentes, á saber: la *Institución para la enseñanza de la mujer* (obra del historiador y filósofo Fernando de Castro), y la *Institución libre de enseñanza*, centro éste fundado por los elementos liberales del país, cuando se produjo en España la reacción política de la restauración borbónica, y que ha servido de núcleo para constituir una fuerte corriente innovadora, para iniciar profundas reformas, y para poner á nuestro país en frecuente y fecunda relación con los pedagogos del extranjero.

IV

LA ENSEÑANZA DE LA SOCIOLOGÍA LA SOCIOLOGÍA Y LAS REVISTAS

Hechas las anteriores indicaciones, harto incompletas sin duda, pero de todos modos indispensables para que el lector pueda for-

marse idea aproximada de los antecedentes del estado actual de los estudios sociológicos en España, así como de la extensión y complejidad del movimiento científico en que éstos han tenido que producirse, vamos ahora á señalar concretamente la condición de la Sociología entre nosotros.

Desde luego, el movimiento propiamente sociológico, es decir, el que consiste en el estudio de la sociedad como objeto directo de investigación científica, ó bien la contemplación del carácter *social* de las relaciones humanas, así como la consideración de los problemas de *lógica social*, no se ha producido aquí por impulso original exclusivo, con la lozanía, por ejemplo, que Comte supone en Francia, ó Spencer en Inglaterra: Spencer y Comte, y la corriente positivista, especialmente Spencer y el evolucionismo, han influido mucho. La tradición española de que nos habla Costa, no se ha mantenido; lo que sí puede afirmarse es que en el espíritu íntimo de los principales sociólogos españoles modernos ha imperado con fuerza la educación filosófica del krausismo, imponiendo austera disciplina intelectual á muchos, y sirviendo sus ideas lógicas y metafísicas, á manera de *fundente* de las tendencias harto divergentes de la Sociología en sus direcciones evolucionista, psicológica, positivista, idealista é histórica. Así ocurre que en los estudios de los sociólogos españoles no impera generalmente con exclusivismo ninguna de las direcciones sociológicas actuales (salvo en el Sr. Sales y Ferré, muy evolucionista, como veremos), ni además domina la misma corriente en los distintos departamentos de los estudios sociales.

Conviene ahora, antes de puntualizar las ideas y trabajos sociológicos de los modernos cultivadores de la sociología en España, indicar con brevedad las manifestaciones varias que ostensiblemente revelan el interés que entre las gentes científicas ha despertado la nueva ciencia.

No debe, en verdad, sorprendernos que todavía ésta no haya obtenido una consagración oficial, admitiéndola como ramo sustantivo de los estudios superiores. Todos sabemos las dificultades con que en

todas partes (salvo en América) ha tropezado y tropieza la instauración de cátedras ó enseñanza de Sociología. Pero debe notarse que, en cierta reforma, desgraciadamente fracasada, de la segunda enseñanza (1894) se creaba una cátedra de *Sociología y ciencias éticas*, y que en distintas ocasiones se ha propuesto la creación, en el doctorado de Derecho ó de Filosofía, de una cátedra de *Sociología* (1). Por otra parte, la más importante sociedad científica de España, el Ateneo de Madrid, ya en 1882 discutió en una de sus Secciones, durante todo un curso, los *Fundamentos de la Sociología*, y más recientemente, desde 1896-97, en la *Escuela de altos estudios*, organizada con auxilio oficial, en el mismo Ateneo de Madrid, se han dado varias enseñanzas sociológicas: en el curso de 1896-97 explicó el Sr. Azcárate *Introducción al estudio de la Sociología* (luego hablaremos de este curso y de otros); además explicaron cursos sobre materias de trascendencia sociológica los Sres. Cossío, *Problemas contemporáneos de la ciencia de la educación*, y Alas, *La evolución militar en el siglo XIX*. En el curso de 1897-98 aún se ha dado á las ciencias sociológicas mayor amplitud: en efecto, continuaron sus lecciones los Sres. Cossío y Alas, y explicó el Sr. Azcárate su *Plan para el estudio de la sociología*, Sales y Ferré *Estudios de sociología*, y yo mismo he explicado la *Teoría del Estado* (fundado en las doctrinas sociológicas modernas); también se han tratado asuntos de importancia y trascendencia sociológicas, v. gr., por el insigne literato y filósofo D. Leopoldo Alas, que habló de las *Teorías religiosas en la filosofía novísima*, y Salillas, quien ya ha dado tres cursos sobre *Antropología criminal*.

Por lo demás, en la enseñanza superior universitaria se procura introducir frecuentemente el espíritu que implica la sociología sin que se abandonen los problemas que, merced á las investigaciones de la sociología, se han venido imponiendo dentro de los distintos ramos que en la enseñanza superior se dan. Hay no pocos profesores,

que es notorio moldean sus programas y procedimientos según las exigencias del moderno espíritu sociológico. No tengo la pretensión de conocer todos los programas de los profesores españoles de Derecho y de Filosofía, ni de estar enterado de la dirección científica y pedagógica de sus cursos; pero v. gr., sé la importancia que el aspecto sociológico del derecho alcanza en la cátedra del Sr. Giner, y en la del Sr. Azcárate, en Madrid; sé también cuán sociológicamente explicaba la historia el Sr. Sales en Sevilla; no ignoro el espíritu que domina en el estudio del derecho administrativo en la cátedra del Sr. Soler, en Valencia; del derecho penal en la del Sr. Dorado, en Salamanca, etc., etc. Además, refiriéndome á lo que puede conocer uno de cerca, he de advertir que la cátedra de Economía del Sr. Buylla es una cátedra de verdadera *Economía social*. Y no sólo esto (que no es mucho, ciertamente): la importancia de los estudios sociales ha sido consagrada de un modo casi oficial en la Universidad de Oviedo, mediante la creación, dentro de la Facultad de Derecho, de una *Escuela práctica de estudios jurídicos y sociales*, que dirigimos los profesores Buylla, Sela, Altamira y yo mismo, y en la cual, en los tres años que lleva de existencia, se ha estudiado el sistema sociológico de Spencer, con ocasión de un trabajo crítico sobre su libro *El individuo contra el Estado*; se ha compuesto una monografía del *Obrero carpintero* en Oviedo, según los procedimientos de Le Play, y siguiendo las indicaciones de M. Marousset, iniciándose la crítica de teorías económico-sociales.

Otra indicación, que creo debe notarse, es la de que, en la *Institución libre de enseñanza* de Madrid, la sociología forma parte del programa de educación general (primaria y secundaria).

También ha suscitado no poco interés la sociología en el mundo de las revistas. El éxito, sin embargo, no ha coronado felizmente todos los esfuerzos hechos. Primeramente, intentose por el ilustrado editor Sr. Lázaro (á quien la cultura nacional debe la más rica y variada biblioteca de ciencias filosóficas y sociales), con la cooperación y creo que

(1) Posteriormente ha sido creada en la segunda Facultad, habiéndola obtenido el reputado sociólogo Sr. Sales.—N. de la R.

hasta dirección científica del penalista señor Salillas, la publicación de una revista *La Nueva ciencia jurídica (Antropología y Sociología)* (1); pero no pudo vivir más de un año (1892). Posteriormente intenté yo una nueva empresa con el auxilio del mismo señor Lázaro, y comencé en 1894 á publicar una *Revista de derecho y sociología*; pero tampoco respondió el público tan decididamente al llamamiento como era de desear, y hube de suspender (sin perjuicio de intentarlo de nuevo más adelante) la publicación (2). Por lo demás, las principales revistas españolas: *La España Moderna*, la antigua *Revista de Legislación*, el BOLETIN DE LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA, la *Revista Contemporánea*, la *Revista internacional*, *La Administración* (3), dedican muchas de sus páginas á las investigaciones sociológicas, tanto de autores españoles como de autores extranjeros.

(Se continuará).

INSTITUCIÓN

LIBROS RECIBIDOS

Königlichen Akademie zu Münster.—*Bericht der Facultäten für 1898 gestellten Preisaufgaben.*—Münster, J. Bredt. 1899.—Don. de la Universidad de Münster.

Idem.—*Chronik für das Jahr 1898-1899.*—Münster, Bredt. 1899.—Don. de id.

Idem.—*Verzeichniss der Behörden, Lehrer, Beamten, Institute und sämtlicher Studierenden zu Münster im Winter-Halbjahr 1898-99.*—Münster, Bredt, 1898.—Don. de id.

Idem.—*Verzeichniss der Behörden, Lehrer, Beamten, Institute und sämtlicher Studirenden zu Münster im Sommer-Halbjahr 1899.*—Münster, J. Bredt. 1899.—Don. de id.

Idem.—*Vorlesungen an der Königlich Preussischen theologischen und philosophischen Akademie zu Münster für das Sommer-Halbjahr 1899.*—Münster, Bredt. 1899.—Don. de id.

Idem.—*Worlesungen an der Königlich Preussischen theologischen und philosophischen Akademie zu Münster für das Winter-Halbjahr 1899-1900.*—Münster, Bredt. 1899.—Don. de id.

Idem.—*Index lectionum per menses aestivos a. MDCCCXCIX publice privatimque habebuntur.*—Monasterii Guestfalorum. Ex typographia J. Bredt. 1899.—Don. de id.

Idem.—*Index lectionum per menses hibernos a. MDCCCXCIX-MDCCC publice privatimque habebuntur.*—Monasterii Guestfalorum. Ex typographia J. Bredt. 1899.—Don. de id.

Koch (Ferdinand).—*Ein Beitrag zur Geschichte der altwestfälischen Malerei in der zweiten Hälfte des 15. Jahrhunderts.*—Münster. Druck der Regensberg'schen Buchdruckerei, 1899.—Don. de id.

Czapla (Bruno).—*Gennadius als Litterarhistoriker.*—Münster i. W. Verlag von Heinrich Schöningh, 1898.—Don. de id.

Ohm (Heinrich).—*Ueber das Weissbleierz von der Grube Perm bei Ibbenbüren und einige andere Weissbleierzvorkommen Westfalens.*—Stuttgart. E. Schweizerbart'sch Verlagshandlung, 1899.—Don. de id.

Kröner (Carl).—*Die Longinuslegende, ihre Entstehung und Ausbreitung in der französischen Litteratur.*—Münster i. W. Druck der Theissing'schen Buchhandlung, 1899.—Don. de id.

Mont (Norbert du).—*Die Verteilung der Luftfeuchtigkeit in Norddeutschland 1881-1895 nebst einem Anhang über den Gang der relativen Feuchtigkeit in Breslau (1834-1895).*—Osnabrück. Druck von J. G. Kisling, 1898.—Don. de id.

Linneborn (Johannes).—*Die Reformation der westfälischen Benediktinerklöster in 15. Jahrhundert durch die Bursfelder Kongregation.*—Münster, Regensberg'sche Buchdruckerei, 1899.—Don. de id.

Keppler (Johannes).—*Die Politik des Cardinals Kollegiums in Konstanz von Januar bis März 1415.*—Heiligenstadt (Eichsfeld) Druck von F. W. Cordier, 1899.—Donativo de id.

(1) Dos tomos.

(2) Un volumen.

(3) Que también, por desgracia, ha cesado.